

Gisandra Cemin da Rocha

*LÍNGUA E SOCIEDADE: O CASO DO DISCURSO DE LEONEL BRIZOLA E O
SEMANTISMO SOCIAL NELE REVELADO*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich.

Passo Fundo
2018

CIP – Catalogação na Publicação

R672l Rocha, Gisandra Cemin da

Língua e sociedade: o caso do discurso de Leonel Brizola e o semantismo social nele revelado / Gisandra Cemin da Rocha. – 2018.

83 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2018.

1. Linguagem e línguas. 2. Sociedade. 3. Cultura. 4. Brizola, Leonel, 1922-2004 - Discursos. I. Diedrich, Marlete Sandra, orientadora. II. Título.

Catálogo: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. Quais são estas funções? Tentemos enumerá-las? Elas são tão diversas e tão numerosas que enumerá-las levaria a citar todas as atividades de fala, de pensamento, de ação, todas as realizações individuais e coletivas que estão ligadas ao exercício do discurso: para resumi-las em uma palavra, eu diria que, bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar.

Émile Benveniste

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, sou grata a Deus, que me deu forças para seguir nessa caminhada, mesmo com todas as adversidades que precisei enfrentar.

Agradeço aos meus pais, Juleide e Chicão, por sempre me incentivarem a estudar e a dar o melhor de mim em tudo o que faço, e, especialmente, minha gratidão à minha mãe, que soube entender e ter paciência nos meus momentos de tristeza, que segurou minha mão quando precisei, enxugou minhas lágrimas e me deu forças para continuar quando pensei em desistir.

Agradeço às colegas e amigas Gláucia, Karina e Renata, que, desde o início do mestrado, estão ao meu lado nos momentos bons e ruins, comemorando junto a mim cada nova página escrita na dissertação. Sem vocês, eu, com certeza, não estaria hoje escrevendo estes agradecimentos.

Agradeço às minhas amigas e irmãs, as folhas do meu trevo, Carol e Cinara, que entenderam (mesmo que reclamando) meus momentos de ausência e estresse, que sempre me incentivaram e comemoraram comigo cada conquista durante esse período. “Vai, mestre!”, elas disseram.

Agradeço às colegas do PPGL/UPF e futuras doutoras, Adriane e Rita, pelo carinho, pelos conselhos e ideias para os muitos artigos, e pela companhia sempre em nosso “CTG”.

Agradeço imensamente à professora e orientadora, Marlete, pelos ensinamentos, pela paciência, e por me ensinar a ser uma pesquisadora, por me apoiar com suas palavras sempre incentivadoras e por me mostrar que eu poderia ir muito além do que acreditava conseguir.

Às professoras Cláudia e Patrícia, que gentilmente aceitaram o convite para integrarem minha banca de qualificação e muito contribuíram para o aperfeiçoamento deste trabalho.

À Universidade de Passo Fundo, pela acolhida e pela bolsa.

A todos aqueles que acreditaram neste sonho junto comigo, minha eterna gratidão.

RESUMO

O presente trabalho fundamenta-se nos estudos realizados por Émile Benveniste acerca da linguagem e discute a relação existente entre *língua e sociedade*, considerando que todo homem, enquanto um ser social, é também um ser cultural, e isso só é possível constatar a partir do momento em que ele enuncia, ou seja, quando ele se apropria do sistema linguístico e mobiliza a língua no discurso. É a partir do axioma benvenistiano, *o homem na língua*, que se conceitua aqui o que o autor denomina em sua obra como *semantismo social*, este que se define a partir de princípios benvenistianos, pela perspectiva da antropologia da enunciação, isto é, através da relação existente entre homem, linguagem e cultura, e é o termo que gerou o tema principal deste estudo e que instigou a investigação aqui discutida. Como objetivo principal, busca-se analisar o semantismo social presente nos discursos de Leonel de Moura Brizola, a partir da relação língua e sociedade, a fim de determinar a maneira como os sujeitos *eu* e *tu* se relacionam, pela perspectiva do discurso político. A base teórica deste estudo fundamenta-se na relação *língua e sociedade*, no princípio da antropologia da enunciação, e na relação de interpretância apresentada por Benveniste (2005, 2006), também estudada por Flores (2013, 2017) e Dessons (2006). Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa consistem numa abordagem de caráter qualitativo, exploratório e documental, pois este estudo consiste na investigação e na busca de princípios e explicações teóricas acerca do tema principal, e utiliza como *corpus* documentos fechados, isto é, discursos já realizados e agora documentados em vídeos, livros e sites da internet, os quais são examinados com o intuito de encontrar o semantismo social presente nos discursos de Leonel Brizola aqui analisados. A análise é realizada por meio da verificação das formas linguísticas do discurso do político em questão, buscando desvendar quais fatores contribuíram, por meio da língua, com o fato de ele ter conquistado seu público pela irreverência, sinceridade e ironia, não utilizando “meias palavras”, e sendo também, muitas vezes, repudiado pelo mesmo motivo. Compreende-se, a partir da análise realizada, que o semantismo social revelado no discurso de Leonel Brizola mostra-se pela forma como ele utilizava as formas da língua para atingir a sociedade a qual ele se dirigia, expressando suas opiniões, mas, ao mesmo tempo, buscando salientar determinados valores que àquela sociedade eram importantes, para, assim, atingir êxito em seu discurso.

Palavras-chave: Língua. Sociedade. Cultura. Semantismo social. Leonel Brizola.

ABSTRACT

The present work is based on the studies realized by Émile Benveniste about the language, and discuss the relation *language and society*, considering that all man a social and cultural being, and this is possible to verify from the moment that he enunciate, that is, when he appropriates of the linguistic system and mobilizes the language in the discourse. It is from Benveniste's axiom, *the man in the language*, that we conceptualize that the author calls in his work like *social semantism*, this one that is defined from principles benvenistianos, from the anthropology of enunciation's perspective, that is, through the relationship between man, language and culture, and is the term that generated the main theme of this study and which instigated the research here discussed. As main objective we search to analyze the social semantism present in the Leonel de Moura Brizola's discourses, from the relationship of language and society, in order to determine the way as the individuals *I* and *you* relate, from the political discourse's perspective. The theoretical basis of this study is based on relation *language and society*, in the anthropology of enunciation, and in the relation of interpretation, presented by Benveniste (2005, 2006), also studied by Flores (2013, 2017) and Dessons (2006). The methodological procedures used in the research consist of a qualitative, exploratory and documentary approach, because this study consists in the investigation and in search for principles and theoretical explanations about the main theme, and utilize like *corpus* closed documents, this is, discourses already realized and now documented in videos, books and internet's websites, which be examined with the intent of to find the social semantism in the Leonel Brizola's discourse here analyzed. The analysis is carried out by checking the linguistic forms of the politician in question, searching for discover what factors contributed, through the language, to the fact that he had won his audience for irreverence, sincerity and irony, not using "half words", and also being oftentimes repudiated for the same reason. It is understood, from the analysis carried out, that the social semantism revealed in the Leonel Brizola's discourse is shown by the way in which he used the language's way to reach the society that he was addressing, expressing his opinions, but at the same time, searching to emphasize certain values that were important to that society, in order to achieve success in his discourse.

Keywords: Language. Society. Culture. Social Semantism. Leonel Brizola.

Lista de Abreviações

AHR	Arquivo Histórico Regional
CIEP	Centros Integrados de Educação Pública
<i>Curso</i>	Curso de Linguística Geral
CUT	Central Única dos Trabalhadores
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PLG	Problemas de Linguística Geral
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
UNE	União Nacional dos Estudantes

Lista de Quadros

Quadro 1 - Eixos da segunda recepção de Benveniste no Brasil	17
Quadro 2 - Síntese dos principais conceitos e fundamentos teóricos discutidos no Capítulo 2.....	31
Quadro 3 - Síntese dos principais conceitos e fundamentos teóricos discutidos no Capítulo 3.....	43
Quadro 4 - Síntese dos principais conceitos e fundamentos teóricos discutidos no Capítulo 4.....	51

Lista de Figuras

Figura 1 - Passagem do axioma geral para o axioma específico.....	24
---	----

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2 UM ESTUDO ENUNCIATIVO ANTROPOLÓGICO SOB A PERSPECTIVA DA OBRA DE ÉMILE BENVENISTE	16
2.1 AFINAL, O HOMEM ESTÁ NA LÍNGUA OU NA LINGUAGEM?.....	20
2.2 <i>O HOMEM NA LÍNGUA(GEM): UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA DA ENUNCIÇÃO</i>	25
2.3 O DISCURSO (DE UM) POLÍTICO COMO REVELADOR DA TRÍADE EPISTEMOLÓGICA QUE FUNDA A ANTROPOLOGIA DA ENUNCIÇÃO	27
3 O HOMEM DESVENDADO NA E PELA LINGUAGEM: A RELAÇÃO LÍNGUA E SOCIEDADE	33
3.1 A SUBJETIVIDADE COMO REVELADORA DA RELAÇÃO LÍNGUA E SOCIEDADE.....	35
3.2 A DUPLA ARTICULAÇÃO <i>FORMA-SENTIDO</i> NAS RELAÇÕES INTER-HUMANAS COMO O ELO CONSTITUTIVO DA RELAÇÃO <i>LÍNGUA E SOCIEDADE</i> ..	39
4 DO RECONHECIMENTO À COMPREENSÃO: UM PERCURSO SOBRE A DUPLA SIGNIFICÂNCIA DA LÍNGUA E A RELAÇÃO DE INTERPRETÂNCIA	44
4.1 A DUPLA SIGNIFICÂNCIA DA LÍNGUA EXISTENTE NA RELAÇÃO <i>LÍNGUA E SOCIEDADE</i>	47
4.2 A RELAÇÃO DE INTERPRETÂNCIA DA LÍNGUA.....	48
5 UMA METODOLOGIA PARA O ESTUDO DOS SISTEMAS DE SIGNOS NA VIDA SOCIAL	55
6 O SEMANTISMO SOCIAL: ANÁLISE DOS DISCURSOS DE LEONEL BRIZOLA	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	75
ANEXOS	

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho baseia-se nos estudos realizados por Émile Benveniste acerca da linguagem em textos dos livros *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*, e discute a relação existente entre *língua e sociedade*, considerando que todo homem é um ser social, e podemos reconhecer a qual sociedade ele pertence a partir do momento em que ele enuncia, ou seja, quando se apropria do sistema linguístico e mobiliza a língua no discurso.

É a partir do axioma benvenistiano *o homem na língua* que conceituamos aqui o que o autor denomina em sua obra como *semantismo social*, este que se define, a partir de princípios benvenistianos, pela perspectiva da antropologia da enunciação, isso é, por meio da relação existente entre homem, linguagem e cultura. Como objetivo principal, buscamos analisar o semantismo social presente nos discursos de Leonel de Moura Brizola, a partir da relação língua e sociedade, apresentando o modo como a língua pode ser reveladora das relações sociais do homem, a partir da cultura na qual ele está inserido, evidenciando a indissociabilidade entre homem, linguagem e cultura, o que só pode ser realizado ao verificarmos as formas linguísticas utilizadas por Brizola em seus discursos.

A principal justificativa dessa pesquisa encontra-se na leitura que fazemos de Émile Benveniste (1968) quando apresenta, em seu estudo denominado *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, asserções concernentes à relação *língua e sociedade* e cita o *semantismo social*. Benveniste, contudo, não esclarece nem define um conceito específico para tal expressão em nenhum de seus textos, razão pela qual buscamos subsídios teóricos para melhor entender o que o linguista pretende ao trazer esse termo apenas em seu estudo intitulado *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968/2006).

A relevância dessa pesquisa se dá a partir da análise do *corpus* que fazemos utilizando princípios teóricos advindos dos estudos de Émile Benveniste acerca do homem, da língua e da sociedade. Nessa análise, são convocadas as funções inter-humanas do discurso, isso é, as operações que tornam o discurso possível devido à oposição entre “eu” e “tu” nas práticas discursivas e sociais, para que, assim, a partir da perspectiva benvenistiana, no que tange à relação língua e sociedade, possamos encontrar respostas para confirmar a hipótese de que era devido às formas linguísticas usadas por Leonel Brizola em seus discursos, enquanto sujeito enunciativo, que seus parceiros de troca discursiva (eleitores e sociedade em geral) o idolatravam ou repudiavam.

A escolha por Leonel Brizola é justificada por ser ele um político de extrema importância no cenário escolar, uma vez que criou, em seu governo, na década de 1980, os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), que foram popularmente apelidados de “Brizolões”. Além disso, a autora deste estudo já trabalhou em um CIEP, o que lhe possibilitou perceber a expressividade da figura de Brizola, sendo ele muito lembrado na instituição, o que faz com que a temática ganhe relevância.

Leonel Brizola não era um homem de “meias palavras”. A ironia e a acidez são marcas linguísticas evidentes em seus discursos. Assim, ele conquistava o público pela irreverência e sinceridade, transmitindo sua coragem e seu caráter através das palavras, e também era, muitas vezes, repudiado pelo mesmo motivo, já que não media as consequências do uso de suas palavras. Dessa forma, buscamos desvendar, neste estudo, quais formas linguísticas usadas por Leonel Brizola em seus discursos justificam a singularidade de seus pronunciamentos no cenário político nacional a ponto de revelarem o semantismo social constitutivo do seu dizer.

Buscando estabelecer a relação existente entre os fatos linguísticos e os fatos culturais, são, aqui, investigadas as relações existentes entre língua e cultura, a partir do viés enunciativo antropológico. Neste estudo, é fundamental observar a cultura como sendo constituída a partir da relação língua e sociedade, visto que podemos reconhecer a cultura de uma pessoa ou povo em geral com base em seus costumes e suas crenças, os quais são adquiridos por intermédio das relações linguísticas mantidas com outras pessoas dessa mesma cultura. Assim, apresentamos aqui o modo como a língua se caracteriza como sendo um meio de análise da sociedade, e também de uma determinada cultura.

Mostramos também, neste estudo, a relação existente na língua a partir de sua dupla significância: o modo semiótico e o modo semântico, buscando reconhecer os aparatos simbólicos existentes em ambos os modos, sendo apenas enquanto signos, cuja função é significar, ou em palavras utilizadas, bem como em frases em sua totalidade, reconhecendo-os como formas carregadas de valores culturais e, dessa forma, determinantes para que possamos desvendar a questão norteadora deste trabalho.

Metodologicamente, quanto aos objetivos, este estudo é, em um primeiro momento, de caráter exploratório, pois são analisados discursos já proferidos por Brizola, englobando a teoria que fundamenta a investigação. Em um segundo momento, a pesquisa tem caráter descritivo, pois discutimos quais palavras e formas utilizadas pelo político em questão revelavam o semantismo social em seus pronunciamentos.

Quanto aos *procedimentos*, a pesquisa é bibliográfica, pois conta com um estudo das obras de Émile Benveniste – *Problemas de Linguística Geral I* (2005) e *Problemas de*

Linguística Geral II (2006) – no que diz respeito, principalmente, à relação existente entre língua e sociedade, e também com o fim de definir a expressão *semantismo social*, buscando, para tal, em outros textos do autor – além daquele no qual ele apresenta a expressão –, indícios sobre o que seria esse conceito.

Ainda quanto aos procedimentos, este estudo também é de caráter documental, pois os discursos de Leonel Brizola são encontrados em documentos fechados, como, por exemplo, no Arquivo Histórico Regional (AHR) da Universidade de Passo Fundo, onde encontramos algumas obras antigas que trazem alguns desses discursos, bem como no site da Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul. Os discursos analisados são aqueles que Brizola realizou entre o ano de 1964, quando voltou do exílio no Uruguai, e a sua morte, no ano de 2004. A primeira fase da vida pública e política de Leonel Brizola, anterior ao regime militar, quando ele era filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), não é considerada nesta pesquisa.

Quanto à *abordagem do problema*, esta pesquisa se consolida como sendo qualitativa, pois busca analisar o conteúdo que está sendo pesquisado a fim de compreender e descrever de que modo as respostas obtidas ao longo da pesquisa respondem ao problema inicial, sem a utilização de dados numéricos e a quantificação de valores.

No primeiro capítulo teórico deste estudo, o capítulo 2, apresentam-se conceitos e estudos a respeito da teoria enunciativa antropológica relacionando as questões referentes ao discurso político. As constatações aqui apresentadas sobre tal teoria são advindas das pesquisas mais recentes sobre os textos de Benveniste, dentre as quais se destacam os trabalhos de Flores (2017). Encontramos, na perspectiva enunciativa antropológica, não uma teoria em si, mas princípios que elucidam a questão do discurso político pelo viés das relações de interpretância da língua, uma vez que o universo político pode ser entendido como um sistema semiótico que se revela na língua-discurso. Encontra-se nesta parte da dissertação uma breve biografia de Leonel de Moura Brizola, contextualizando sua vida política, tema bastante importante para nosso estudo, uma vez que compreendemos a língua no seio da vida social.

No capítulo 3, são descritos os fundamentos teóricos a respeito da relação existente entre *língua e sociedade*, presentes na obra de Émile Benveniste, esclarecendo que a (inter)subjetividade é o fundamento essencial para que essa relação se concretize, e somente a partir das marcas do homem enquanto *sujeito* na língua – por meio da teoria da enunciação –, fundamento principal constitutivo da subjetividade, é possível definir o homem como pertencente a uma determinada sociedade. Encontra-se, nesse capítulo, também, a explicação de como a dupla articulação *forma-sentido*, que é base de todas as realizações inter-humanas

relacionadas à enunciação, é fundamental na existência da intersubjetividade, e, conseqüentemente, na relação *língua e sociedade*.

No capítulo 4, são realizadas as definições e distinções entre os dois domínios de sentido da língua, ou seja, o domínio do modo semiótico e o domínio do modo semântico, uma vez que, como vemos na enunciação benvenistiana, um domínio depende do outro para que a comunicação linguística seja realizada com êxito. Mostramos também como a forma e o sentido de cada domínio de sentido se manifestam no interior da língua, e como cada um dos domínios acima citados é fundamental para a compreensão dos mais diversos enunciados. Discutimos, aqui, também, a questão da relação de interpretância como sendo o único meio de tornar a sociedade possível, uma vez que é a partir da língua enquanto interpretante que a sociedade pode ser interpretada, e, assim, consolidar-se como tal.

Apresentamos, no capítulo 5, a metodologia que guiou este trabalho de pesquisa, a qual se pauta em princípios derivados da metodologia que encontramos na obra de Benveniste, sendo eles: o axioma benvenistiano “*o homem na língua*”, que nos mostra o caminho para responder às questões as quais queremos desvendar; o princípio da *intersubjetividade*, que mostra que, para que possa de fato haver a comunicação linguística, o diálogo, um *eu* sempre estará se dirigindo a um *tu*, e somente através dessa troca enunciativa podemos reconhecer os homens enquanto seres sociais e seus valores culturais; e também, o fato de que a língua se relaciona com todos os outros sistemas, pela *relação de interpretância*, logo, a língua contém a sociedade, uma vez que os signos da sociedade formam “sistemas interpretados” pelo “sistema interpretante”, que é a língua, ou seja, os signos da sociedade sempre pressupõem a língua, podendo então ser interpretados por ela.

No capítulo 6, analisamos os discursos de Leonel de Moura Brizola, evidenciando o foco de nossa pesquisa, que é desvendar o semantismo social presente em seus discursos a partir de análise das formas linguísticas utilizadas pelo político, estas que são mecanismos empregados como produtores de referências e correferências carregados de simbolismos e representatividade da cultura na qual Brizola está inserido, categorizando o papel daquele que fala (*eu*) e daquele que ouve (*tu*). Isso só é possível porque analisamos a categorização dos eventos, isso é, levamos em conta as formas da língua mobilizadas na enunciação tendo em vista a definição da época, do momento e da situação em que os discursos foram proferidos.

Por fim, apresentamos as conclusões advindas de nossa pesquisa, que indicam que o semantismo social revelado no discurso de Leonel de Moura Brizola se mostra pelo modo como ele utilizava as palavras e as formas da língua para atingir a sociedade a qual ele se dirigia e

mostram que, nesse percurso, o líder político buscava salientar determinados valores que àquela sociedade eram importantes, para, assim, atingir êxito em seu discurso.

2 UM ESTUDO ENUNCIATIVO ANTROPOLÓGICO SOB A PERSPECTIVA DA OBRA DE ÉMILE BENVENISTE

O que compreendemos por “perspectiva antropológica”? Há uma antropologia na linguagem? O axioma dos estudos benvenistianos “o homem na língua” nos mostra o caminho para responder a tais questões, uma vez que Émile Benveniste revela a experiência de apropriação da língua, a partir das relações sociais e culturais nas quais estão inseridas o homem. Dessa forma, apresentamos, neste capítulo, as asserções a respeito da indissociabilidade entre homem, linguagem e cultura, propostas nos textos do linguista, relação essa que fundamenta a antropologia da enunciação.

Segundo Dessons (2006, p. 98, tradução nossa), Benveniste propôs uma “linguística diferente, baseada no trinômio: língua, cultura e personalidade”¹, estabelecendo então a correlação existente entre linguagem, sociedade e indivíduo, visando a uma perspectiva antropológica da linguagem. E é por meio do discurso que se instaura a relação existente entre esse trinômio e a sociedade, visto que é o discurso que permite considerar a atividade da linguagem no âmbito de outras ciências, então, Dessons discute, em sua obra denominada *Émile Benveniste, l'invention du discours* (2006), os conceitos de língua, linguagem, sociedade, cultura, significação, subjetividade, intersubjetividade, dentre outros, remetendo sempre à ideia antropológica da linguagem.

Dessa forma, um dos objetivos deste estudo é mostrar como a língua pode ser reveladora das relações sociais do homem, a partir da cultura na qual ele está inserido, evidenciando a indissociabilidade entre homem, linguagem e cultura. Nesse sentido, conclui-se que a conversão da língua em discurso está diretamente relacionada ao que Dessons (2006, p. 43, tradução nossa) chama de *antropologia do valor*, isso é, o aspecto “que torna indissociáveis o ato de comunicar e a elaboração de valores constitutivos da sociedade humana como fatos de cultura”². Tal afirmação permite que compreendamos a dimensão antropológica do discurso a partir da ideia de que se *o homem está na língua*, ao atualizá-la em discurso, os efeitos dessa presença mostram-se nessa atualização.

Como podemos constatar a partir do título do livro de Dessons (2006), é pela *invenção do discurso* que percebemos Benveniste buscando instaurar uma possível nova forma de ver a

¹“(…) une linguistique différente puisse s'établir sur les termes de ce trinôme: langue, culture, personnalité.” (DESSONS, 2006, p. 98)

²“(…) qui rend indissociables l'acte de communiquer et l'élaboration des valeurs constitutives de la société humaine en tant que faits de culture” (DESSONS, 2006, p. 43)

linguística, isso é, podemos compreender que Benveniste estava pensando adiante, transcendendo o estudo da enunciação apenas enquanto “o colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1970/2006, p. 82), mostrando que em toda enunciação estavam situados fatos culturais e sociais.

E é com base na instauração dessa nova forma de ver a linguística que Flores (2017) afirma que, atualmente, no Brasil, temos uma *segunda recepção da obra de Benveniste*, que visa estudar e pesquisar as obras com um olhar diferente do que se fazia nos anos de 1960, 1970, 1980 e parte dos anos 1990, o que o autor considera como sendo a primeira recepção de Benveniste em estudos brasileiros, estes que tinham a linguística de Benveniste parcial e fragmentada, pois os textos do linguista não eram estudados de forma aprofundada, e os que eram estudados levavam em consideração somente a abordagem da enunciação. Com o passar do tempo, a obra de Benveniste no Brasil passou a ser estudada em áreas como a psicanálise, a filosofia, a antropologia, entre outras, levando os estudiosos para o caminho que o linguista mostrou em seus textos, e que até então era pouco abordado.

Flores (2017, p. 77) apresenta o que ele refere ser uma segunda recepção da obra de Benveniste no Brasil, instaurada em três eixos, que situam as linhas de reflexão dos estudos do linguista atualmente. Tais eixos são esclarecidos didaticamente no quadro a seguir.

Quadro 1 - Eixos da segunda recepção de Benveniste no Brasil³

Primeiro eixo	Situa a enunciação no centro da reflexão.	Produz uma linguística da enunciação <i>stricto sensu</i>.
Segundo eixo	Situa a enunciação no centro da reflexão, mas a articula ao conjunto da teoria da linguagem de Benveniste, tendo em vista uma teorização comum ao campo das ciências humanas em geral.	Produz uma abertura para uma teoria da linguagem em diálogo com as ciências conexas.
Terceiro eixo	Situa a imanência da teoria da linguagem de Benveniste no	Produz estudos intrateóricos, uma espécie de hermenêutica da teoria.

³ Apresentamos este quadro para explicar em quais eixos está inserido este estudo, uma vez que há uma ampla produção de estudos a respeito da teoria de Benveniste no Brasil, portanto, faz-se necessário explicitar que posição e de que maneira este trabalho a ocupa nesta investigação de Flores (2017).

	centro da reflexão e visa esclarecer termos, noções e conceitos da teoria.	
--	--	--

Fonte: Flores (2017, p. 77)

O **primeiro eixo** anteriormente mostrado se refere especificamente aos estudos realizados com base na enunciação enquanto análise das categorias de pessoa, tempo e espaço, ou seja, é o estudo das marcas linguísticas de um texto, definindo e distinguindo o emprego das formas e em uma descrição realizada a partir do emprego da língua, e tem como aporte teórico basicamente *O aparelho formal da enunciação* (1970).

No **segundo eixo**, “evidencia-se a busca de uma teoria geral da linguagem. [...] Nesse eixo, estão presentes trabalhos que enfatizam fortemente a relação entre linguagem e cultura. Há uma grande atenção ao viés, digamos, antropológico do pensamento de Benveniste” (FLORES, 2017, p. 79). Esse eixo situa o estabelecimento do discurso como o grande conceito da área da linguagem, sendo a enunciação parte do pensamento de Benveniste, e não o todo. Em síntese, esse eixo visa estabelecer a relação existente entre a linguagem e o homem.

O **terceiro eixo** tem relação com o conteúdo publicado no livro *Últimas aulas no Collège de France* (1968-1969/2014) e complementa alguns dos assuntos abordados nos eixos anteriores, uma vez que, nessa obra, Benveniste – além de expandir sua teoria – explica de forma mais detalhada algumas de suas ideias apresentadas nos textos dos livros *Problemas de Linguística Geral I* e *Problema de Linguística Geral II*, como por exemplo, a questão da semiologia da língua e da relação de interpretância, que são discutidas neste trabalho. Os estudos que estão sendo desenvolvidos com base nesse eixo têm como finalidade descrever e definir termos, conceitos e noções apresentadas por Benveniste, relacionando-os, mostrando qual é a relação existente entre as concepções benvenistianas enquanto interdependentes uma da outra.

Neste trabalho, nos inserimos no segundo eixo desta nova (segunda) recepção dos estudos de Benveniste no Brasil, pois temos como intuito apresentar o pensamento do autor enquanto parte de uma antropologia, uma vez que acreditamos que a enunciação está situada nos fatos culturais, e que o homem, ao apropriar-se da língua, se mostra como membro pertencente a uma determinada cultura. E este estudo dialoga com o terceiro eixo, uma vez que discutimos ideias e conceitos que são fundamentais para compreender a obra e o pensamento de Benveniste, relacionando-os como parte integrante um do outro. Salientamos que o terceiro eixo, que explica e realiza as ligações entre as noções presentes nas obras de Benveniste, será

abordado no próximo capítulo deste trabalho, quando discutimos a relação existente entre língua e sociedade.

Como parte do segundo eixo aqui exposto, Silva (2013, p. 124) ajuda a compreender como podemos localizar, nos estudos benvenistianos, aspectos que possam indiciar uma antropologia da enunciação, assim, a autora lista, sob a forma de princípios, as principais constatações que são possíveis obter a partir dos textos de Benveniste em que podemos encontrar indícios de tal antropologia. São eles:

1. Unidade ou diversidade de línguas e culturas: a relação entre línguas deve ser buscada no *emprego* das frases; assim, quando há *unidade*, a linguagem tem a função de ‘potência’, ou possibilidade de sentidos, em que as línguas *especificam ou desviam* os sentidos em função da cultura e da sociedade;

2. A faculdade da linguagem e a função da cultura: a linguagem tem a faculdade de *simbolizar*, isto é, de dissociar o objeto concreto da representação que dele fazem os sujeitos, criando então uma representação, uma ‘nova’ apresentação; a função da cultura é deixar registradas tais representações em cada língua e de marcar, no diálogo, na sociedade, o lapso entre *linguagem* (o ‘poder dizer’) e as *línguas* (‘o que se pode-deve dizer’).

3. A experiência como noção fundante do eu no discurso; a intersubjetividade como noção fundante da relação eu-tu na comunicação: o locutor ‘arrisca-se’ a falar por conta própria, e, nesse risco, revela sua visão de língua e cultura; o interlocutor ‘compreende’ a *língua* do *eu*, mas a situa como *parte* de sua enunciação. Há, então, a constituição de uma relação dialética em torno de representações linguísticas que emergem na relação interlocutiva.

4. A invocação ao outro como princípio linguístico da enunciação. As características linguísticas revelam o funcionamento da língua em situações em que há ‘quebra’ da relação com a língua, a cultura e a sociedade. Com a língua, pelo esfacelamento da palavra; com a cultura, por o sujeito se permitir dizer o que é proibido; com a sociedade, porque o sujeito não invoca o outro em sua fala.

Dessa forma, entendemos que o fundamento de uma antropologia da enunciação está diretamente ligado à questão cultural, esta que se marca na língua através do sujeito que fala, no momento em que ele está se dirigindo a alguém, e a partir da faculdade de *simbolizar*, ou seja, de reconhecer, compreender e dar sentido ao que lhe é exposto, assim, revelando a presença do homem em uma determinada sociedade, e também em uma cultura.

E é sob esta perspectiva que buscamos encontrar a resposta para o objetivo principal deste estudo, que visa, a partir da relação *linguagem, sociedade e indivíduo*, analisar como a língua pode ser reveladora das relações sociais do homem, a partir da cultura na qual ele está inserido, assim, visamos descobrir como as formas linguísticas utilizadas por Leonel de Moura Brizola em seus discursos atingiam o público a quem ele estava se dirigindo, e o modo como esse público recebia seus discursos e atribuía um sentido para o que estava sendo dito pelo político.

2.1 AFINAL, O HOMEM ESTÁ NA LÍNGUA OU NA LINGUAGEM?

Para que possamos refletir a respeito de um estudo enunciativo antropológico, precisamos, primeiramente, considerar o axioma dos estudos benvenistianos *o homem está na língua*. Porém, antes de aprofundarmos nossos estudos a respeito desse axioma, cabe uma atenção especial ao prefácio do *Problemas de Linguística Geral I*, no qual Benveniste apresenta o conteúdo que se encontra no livro e explica o que é discutido em cada parte da obra, e, ao apresentar a quinta parte do livro, cita: “ ‘O homem na linguagem’ é o título da parte seguinte”. Contudo, conforme o sumário do *PLG I*, a quinta parte do livro denomina-se *O homem na língua*, mas, ponderamos: afinal, o homem está na língua ou na linguagem?

Buscamos a resposta a essa indagação em Flores (2013b, p. 101), que nos ajuda a compreender as noções que estão implicadas nos termos *língua* e *linguagem*, afirmando que “língua e linguagem – mas também línguas – são de suma importância no pensamento de Benveniste e que todas são relevantes para o autor”. Para responder à questão anteriormente realizada sobre o homem estar na língua ou na linguagem, analisamos aqui esse axioma presente nas produções de Benveniste nos capítulos intitulados *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (1963, PLG I), *Da subjetividade na linguagem* (1958, PLG I), *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968, PLG II) e *A blasfemia e a eufemia*⁴ (1966, PLG II).

No estudo de 1963, Benveniste (1963/2005, p. 27) evidencia que “a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de *simbolizar*”, ou seja, “a faculdade de representar o real por um ‘signo’ e de compreender o ‘signo’ como representante, por estabelecer a ‘significação’ entre algo e algo diferente” (p. 27). Assim, a linguagem na natureza humana é simbólica por excelência, visto que “o homem não foi criado duas vezes, uma vez sem linguagem, e uma vez com linguagem”. Portanto, “o homem inventa e compreende símbolos” (p. 29), e “o pensamento não é senão esse poder de construir representações das coisas e de operar sobre essas representações” (p. 29). Dessa forma, a linguagem é da natureza humana, e é o que permite que os homens se relacionem, destarte, compreende-se que a linguagem e o homem são indissociáveis, não há um sem o outro.

⁴ Trazemos, nesta parte do estudo, o texto de Benveniste denominado *A blasfemia e a eufemia* (1966/2006), que, diferentemente dos demais textos aqui analisados, não é “tradicionalmente” estudado, com o objetivo de mostrar que a toda construção lexical estão implicados fatos sociais e culturais, assim, certos termos não podem ser utilizados por alguns povos, devendo ser substituídos ou atenuados por palavras equivalentes, e, dessa forma, o homem se marca na língua ao escolher as formas linguísticas que irá utilizar em seus enunciados que são correspondentes aos costumes da cultura na qual está inserido.

Em *Da subjetividade na linguagem*, o linguista evidencia que o homem é homem porque tem linguagem, já que “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” (BENVENISTE, 1958/2005, p 285), o que novamente remete à questão simbólica, e o autor afirma também que “não atingimos jamais o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a experiência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (*ibidem*) Portanto, é essa troca da linguagem entre os homens, ou seja, é por meio da *intersubjetividade*, que o homem passa a, de fato, existir.

Para que o homem possa se definir como tal, conforme já citado, ele é encontrado falando com outro homem, com um parceiro de troca, alguém a quem ele possa se dirigir, independentemente de ser um parceiro real ou imaginário. Enquanto locutor, o homem sempre vai precisar de um alocutário, de um *tu* com quem possa se relacionar discursivamente. Assim, conforme Benveniste (1970/2016, p. 84), desde o primeiro momento em que o homem se apropria da língua, “ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro”, o que caracteriza então a intersubjetividade. Teixeira (2012b, p. 79) nos ajuda a compreender ainda mais sobre a intersubjetividade, explicando que,

[...] na cena enunciativa, os papéis de eu e de tu são inversíveis (BENVENISTE, PLG I). Eu e tu se asseguram de sua presença mutuamente e por contraste. Usar eu é reconhecer-se com direito à fala, ou seja, é dar-se um lugar no espaço simbólico, mas para isso é necessário que alguém se institua como tu. Se o outro falta ou se não dá crédito a meu dizer, minha fala se transforma em pura fonação desprovida de eficácia. O eu esvazia-se, de imediato, da substância que havia adquirido no ato.

A intersubjetividade é, portanto, o fator que torna possível a comunicação linguística, assim, é por meio dela que “reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinida, reversível, entre o falante e o seu parceiro. Em última análise, é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem” (BENVENISTE, 1965/2006, p.80).

No texto *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, Benveniste novamente afirma que um homem só pode se relacionar com outro homem através da linguagem, que o homem precisa da linguagem para ser concebido como tal, e apresenta a ideia de que “a linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir outro homem, de lhe transmitir e dele receber uma mensagem” (BENVENISTE, 1968/2006, p. 93). E é a partir da *enunciação* – definida por Benveniste (1970/2006, p.82) como o “colocar em funcionamento a língua por um

ato individual de utilização” – que os sujeitos se inserem na língua, com a alternância na apropriação da palavra e na atualização do enunciado.

No estudo intitulado *A blasfemia e a eufemia* (1966), Benveniste enfatiza o uso da *frase*, considerada por ele como a unidade semântica por excelência, e distingue nesse capítulo a blasfemia em dois domínios. O primeiro deles se inscreve na ordem *religiosa*, na qual se realiza a *blasfêmia* de forma lexical, uma vez que ela é a “asserção difamante relativamente à religião ou à divindade” (BENVENISTE, 1966/2006, p. 259). Assim, nessa primeira definição, a blasfemia é de ordem enunciativa, pois está diretamente relacionada ao processo de discurso; o segundo domínio situa-se na ordem do universo *linguístico*, e constitui “uma classe de expressões típicas com as quais o linguista não sabe o que fazer e que, geralmente, remete ao léxico ou à fraseologia” (BENVENISTE, 1966/2006, p. 259).

Tanto a blasfemia quanto o juramento utilizam o nome de Deus em suas construções, contudo, são distinguidas na construção lexical utilizada na frase que está sendo proferida. Segundo Silva (2012, p. 123), “desvelar as circunstâncias que diferenciam o juramento da blasfemia é de suma importância, pois pode contribuir para pensarmos, de forma mais geral, as condições linguísticas e culturais que determinam a permissão ou a interdição da palavra do *homem na língua*” [grifos nossos].

A ideia de interdição das palavras é diretamente relacionada aos fatos culturais, pois, em determinadas culturas, determinados termos, palavras e frases não podem ser ditas, assim, podem ser amenizadas por outras construções lexicais, contudo, a linguagem, fundamento linguístico do homem, não anula as construções proibidas, visto que a palavra interdita tem sua existência na linguagem. Quanto a isso, Benveniste (1966/2006, p. 260) afirma que “certa palavra ou nome não deve passar pela boca. Ela é simplesmente suprimida do registro da língua, apagada do uso, não deve mais existir. Entretanto, é essa uma condição paradoxal do tabu, este nome deve continuar a existir enquanto interdito”. Dessa forma, a existência da palavra “interdita” possibilita as mais diversas formas de compreensão do enunciado proferido.

E é nesse contexto que convocamos, neste estudo, o discurso político, associando as formas de interdição utilizadas no discurso religioso com o tipo de discurso em questão neste trabalho, uma vez que, no discurso político, também são utilizadas construções lexicais que podem não ser aceitas por determinadas culturas. Um exemplo disso é o fato de o discurso de Leonel Brizola ser irônico, provocativo e até mesmo agressivo, repercutindo, às vezes, de forma polêmica, levando o político a, em determinados momentos, utilizar outras expressões para exprimir de forma mais branda determinadas ideias, sem utilizar a “acidez” típica de seus discursos, o que faria com que não fosse mal interpretado, ou mesmo rejeitado pelo público.

Para amenizar a blasfemia, tornando-a mais branda, e evitando a total censura de algumas construções lexicais, o locutor se vale do que Benveniste (1966/2006, p. 262) definiu como *eufemia*. Segundo o linguista, “a blasfemia suscita uma eufemia. Percebe-se como os dois movimentos se ligam. A eufemia não refreia a blasfemia, ela a corrige na sua expressão de fala e a desarma enquanto imprecisão” (p. 262). Assim, o locutor utiliza determinadas construções com modificações semânticas e até mesmo fonológicas para atenuar o sentido da blasfemia, mas sem deixar de utilizá-las.

Portanto, Benveniste mostra que a toda construção lexical estão implicados fatos sociais e culturais, visto que determinadas palavras e frases não podem ser utilizadas com certos povos ou em certos lugares, devendo ser substituídas ou atenuadas por outros enunciados equivalentes. Assim, conforme Silva (2012, p. 124):

[...] neste texto, um raro momento da obra de Benveniste em que podemos compreender com clareza sua concepção antropológica de enunciação, qual seja, “A cultura e a sociedade estão marcadas na língua” (Ono, 2012). O locutor, ao se valer de determinados enunciados, situados em determinadas instâncias de discurso, pode revelar sua submissão ou insubordinação às formas linguísticas pertinentes a dada sociedade e cultura.

Como podemos perceber diante das observações realizadas acerca dos quatro estudos de Benveniste acima expostos sobre o homem estar na *língua* ou na *linguagem*, tais termos não podem ser considerados sinônimos, pois estar na linguagem não é o mesmo que estar na língua. Conforme Flores (2017, p. 12),

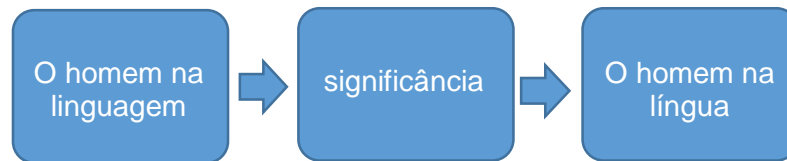
[...] o homem na linguagem é uma espécie de axioma geral no qual está contido um axioma específico, o homem na língua. Em outras palavras, minha interpretação é que a antropologia da linguagem de Benveniste é simultaneamente geral e específica ou, se quiserem, geral e concreta, e isso se traduz na relação entre esses dois axiomas.

E é a partir da noção de *significância*, definida por Benveniste (1969/2006, p.52) como “a propriedade de significar”, que há a passagem do axioma geral para o específico. Assim, prossegue Flores (2017, p. 12) destacando que:

Em Benveniste, segundo minha interpretação, há dois axiomas, ambos ligados à natureza antropológica da teoria: o homem na linguagem (geral) e o homem na língua (específico). Eu entendo o operador de uma teoria como o mecanismo que contém um modo de funcionamento; ele é um instrumento que exerce um modo de pensamento. O operador por excelência de Benveniste é a significância.

E, assim, o autor nos apresenta, didaticamente, como isso ocorre, conforme Figura 1.

Figura 1 - Passagem do axioma geral para o axioma específico



Fonte: Flores (2017, p. 12)

É necessário que se veja o homem na linguagem como constitutivo das análises que mostram o homem na língua, nesse sentido, *o homem na língua* não diria respeito apenas à quinta parte do PLG, mas a todas as análises linguísticas de Benveniste, uma vez que sempre opera nelas a *significância*.

Em síntese, há, em Benveniste, muitas possibilidades de “presença” do homem na língua, porque ele está, desde sempre, na linguagem. Nesse sentido, é uma função essencial desse homem, do homem que fala, o que o torna objeto de uma antropologia: uma antropologia da linguagem. Portanto, Benveniste, mais do que qualquer outro estudioso da língua, possibilita ancorar uma linguística verdadeiramente preocupada com as formas da presença do homem na língua: uma presença inventiva que não poderia ser desvinculada da constitutiva condição do *homem na linguagem*.⁵ Flores (2017, p.11) mostra o caminho para uma resposta, opinando:

[...] acredito que o homem não está presente da mesma maneira em uma e em outra. Ou seja, o “lapso” de Benveniste tem, para mim, um valor heurístico, na medida em que ele permite certa aproximação progressiva de um aspecto fundamental da teoria benvenistiana tomada em seu conjunto: *o aspecto antropológico da teoria* [grifos nossos].

Assim, respondemos ao que seria um suposto engano do linguista a respeito do termo utilizado no prefácio do PLG I, mostrando que, da mesma forma em que o homem está – e se marca – na língua, ele também está na linguagem, condição única de sua existência. Tal perspectiva instaura uma antropologia da linguagem, também denominada *antropologia da enunciação*.

⁵ As conclusões aqui registradas a respeito do questionamento sobre o homem estar na *língua* ou na *linguagem* foram obtidas em um seminário denominado *Tópicos Avançados: estudos enunciativos em Émile Benveniste*, ministrado por Valdir do Nascimento Flores, na Universidade de Passo Fundo em março de 2017.

2.2 O HOMEM NA LÍNGUA(GEM): UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA DA ENUNCIÇÃO

Antes de iniciarmos esta nova sessão, é necessário esclarecer que o estudo antropológico enunciativo não se trata propriamente de uma teoria ou de uma disciplina, mas de uma visão linguística a respeito da relação que envolve a cultura e a sociedade, em um aprofundamento ancorado na análise do axioma benvenistiano “*O homem (está) na língua*”.

Dessons (2006, p. 75, tradução nossa) afirma que “entre a linguagem e o homem, há implicação recíproca. Há linguagem desde que haja homem, e homem desde que haja linguagem; a linguagem é o fundamento antropológico”⁶. Tal pensamento nos leva diretamente ao axioma dos estudos de Benveniste.

Vemos, em Flores (2013a, p. 44), a afirmação de que “com o axioma *o homem está na língua*, pode-se resumir o princípio do pensamento benvenistiano: o homem está na língua – se marca na língua, se singulariza na língua, se propõe como sujeito na língua – porque é fundado simbolicamente na linguagem”. Mas como foi possível chegar à conclusão de que o fundamento principal da teoria de Benveniste baseia-se nessa proposição? Buscamos, para isso, princípios teóricos nos artigos do PLG I e do PLG II que podem responder a esse questionamento.

A respeito desse axioma, Flores (2013a, 190) afirma que:

Pode-se ver com Benveniste, a despeito das inúmeras possibilidades de “presenças” do *homem na língua*, que há na língua recursos constitutivos que manifestam a condição do homem como ser falante. Nesse sentido, cabe afirmar que a presença do homem na língua é uma função essencial desse homem, do homem que fala, o que a torna objeto de uma antropologia: uma antropologia da linguagem que implica uma antropologia da enunciação [grifos do autor].

Ainda em Flores (2013a, p. 190), temos a afirmação de que “Benveniste atravessa todos os seus estudos com uma espécie de tríade epistemológica que funda uma antropologia: *homem, linguagem e cultura*. Essa tríade é mobilizada em todas as análises que ele faz da linguagem, sejam as comparativas, sejam as de linguística geral, sejam as da enunciação” [grifos nossos].

O axioma dos estudos benvenistianos “*o homem na língua*” revela o fato de o homem apropriar-se da língua, ou seja, de enunciar, marcando-se na língua a partir de suas relações sociais e culturais. Considerando que a língua reflete a sociedade em suas particularidades, em suas variações e em sua estrutura social, a sociedade começa a reconhecer-se como língua na

⁶ *Entre le langage et l’homme, il y a implication reciproque. Il y a langage dès qu’il y a homme, et homme dès que langage; le langage est le fondement anthropologique.*

medida em que a esses fenômenos sociais constituem a *cultura*⁷, definida por Benveniste (1963/2005, p. 31-32) como

[...] o *meio humano* que [...] dá à vida e à atividade humana forma, sentido e conteúdo. A cultura é inerente à sociedade dos homens, qualquer que seja o nível de civilização. [...] A cultura define-se como um conjunto muito complexo de representações, organizada por um código de relação e valores: tradição, religião, leis, política, ética, artes [...]. Pela língua o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. Ora, assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica [...].

Benveniste (1989/2006, p. 68) mostra que as categorias de *pessoa* e *tempo* são elementares, independentes de determinação cultural; dessa forma, a linguagem *possibilita* a cultura, o meio em que um homem está inserido, mas não, de fato, a determina. Portanto, a cultura é o resultado do “exercício da linguagem e da apropriação do discurso” (p. 68), ou seja, a cultura é o que nos mostra a presença do homem na língua.

Flores e Severo (2015) realizaram um mapeamento nos estudos de Benveniste presentes no PLG I e no PLG II, buscando encontrar todas as ocorrências dos termos “cultura” e “cultural”, e concluíram que, para o linguista:

- a) cultura pode ser apreendida como fundamento (sistema de valores que produz significação) e como fato histórico (a cultura de um povo), tal como Benveniste assinala para a relação língua e sociedade em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968) [...]
- b) cultura é um sistema semiológico de valores, pois também ela distingue o que tem sentido e o que não tem;
- c) cultura e língua têm entre si uma relação de homologia, pois apresentam caráter simbólico e semelhante funcionamento (dupla significância);
- d) cultura e língua relacionam-se a um sistema de significação maior, do qual são expressão, pertencendo à linguagem; e
- e) cultura é um fato humano porque constitui o homem, estabelecendo-se como uma intersecção nas “ciências do homem”, já que as relações entre os homens são também relações entre línguas e culturas.

Infere-se, disso, que o homem não nasce na natureza, mas na cultura, uma vez que “vemos sempre a linguagem no seio da sociedade, no seio de uma cultura” (BENVENISTE, 1968/2006, p. 23), e é especialmente a partir dessas afirmações que a relação entre língua, sociedade e cultura apresentadas nesse trabalho são utilizadas para que possamos analisar, a partir das formas linguísticas reveladoras da cultura de Leonel Brizola, o modo como seus discursos eram aceitos ou rejeitados pela sociedade.

⁷ Dentre os inúmeros conceitos de cultura encontrados na antropologia, escolhemos trabalhar com o conceito exposto por Émile Benveniste por melhor relacionar-se ao tema deste estudo, uma vez que este trabalho não aborda uma pesquisa propriamente antropológica, mas, sim, relacionada à antropologia da enunciação.

Conforme Teixeira (2012, p. 66), Benveniste é considerado, basicamente, como o linguista que realiza “descrições dos fatos de língua, reconhecidas como inovadoras por levarem em conta a hipótese da subjetividade, mas entendidas como encerradas no âmbito intralinguístico”, porém, “particularmente na França, há um reconhecimento de que suas formulações no domínio da linguística geral são fundamentais para as ciências humanas e sociais” (p. 67). Dessa forma, buscamos analisar o discurso político, que faz parte das ciências sociais, a partir dos fundamentos teóricos expostos por Benveniste acerca da linguagem, para mostrar que seus estudos vão muito além de análises que ficam restritas às dêixis enunciativas (pessoa, espaço e tempo).

Sobre esse olhar mais amplo a respeito da obra de Benveniste, que está gerando interesse às diversas áreas, tais como antropologia, filosofia e psicologia, entre outras, Flores (2017, p. 92) acrescenta que isso faz crer “que estamos vivendo um tempo de renovação de leitura da obra de Benveniste. Até então apenas lembrado por ter fundado a dita linguística da enunciação”. E é com base nessa perspectiva e a partir dessa busca de ir além dos fatos intralinguísticos, ampliando a teoria de Benveniste para a relação social, mais especificamente através do discurso político, que este estudo se concretiza.

2.3 O DISCURSO (DE UM) POLÍTICO COMO REVELADOR DA TRÍADE EPISTEMOLÓGICA QUE FUNDA A ANTROPOLOGIA DA ENUNCIÇÃO

Benveniste (1963/2005, p. 26) defende que “a linguagem reproduz a realidade”, uma vez que um acontecimento pode ser reproduzido através daquele que fala, fazendo com que o fato renasça por meio de seu discurso, provocando a experiência desse acontecimento em seu ouvinte. Desse modo, Benveniste considerou que toda enunciação advém da intersubjetividade, que é a condição da experiência humana imanente à linguagem, de existência do homem. Portanto, a linguagem é constitutiva do homem da mesma maneira que a intersubjetividade lhe é inerente.

A linguagem humana tem como principal característica o diálogo, a interação e a “troca de enunciados”, uma vez que é somente com base nesses elementos que o homem pode atingir outro homem, transmitir mensagens a ele e também receber, pois “a linguagem exige e pressupõe o outro” (BENVENISTE, 1968/2006, p. 93). A estrutura da enunciação, do diálogo, precisa ter obrigatoriamente um *eu* e um *tu*, sendo que esses dois sujeitos alternam suas funções, caracterizando-se como parceiros e como protagonistas na situação de enunciação, o que consequentemente vai criar uma relação intersubjetiva entre as pessoas do enunciado.

Considerando que o discurso político não é um gênero determinado com características e especificidades próprias, mas sim “uma classe de gêneros definidos por um domínio social” (VAN DIJK, 2001, p.1), e que, para que ele possa se concretizar, há a necessidade da intersubjetividade, afirmamos que os princípios de Benveniste podem então ser ampliados a fim de analisar essa modalidade discursiva enquanto parte da relação existente entre língua e sociedade.

Segundo Aquino (2003, p. 196), fazem parte do domínio do discurso político todas as manifestações que sejam elaboradas durante a atividade discursiva em que políticos estejam engajados, sendo elas tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita, podendo ter sua existência através do “debate parlamentar, os programas dos partidos, as deliberações governamentais, os diversos pronunciamentos dos políticos, inclusive as entrevistas concedidas à imprensa ou a participação em debate durante as campanhas eleitorais que ocorram em contextos outros que não nas Instituições Públicas”. Sendo assim, os discursos de Leonel de Moura Brizola que são aqui analisados não são decorrentes apenas de suas falas direcionadas diretamente ao povo, o que se entende no senso comum por *discurso político*, são, para além disso, manifestações discursivas de Brizola em entrevistas, cartas e pronunciamentos públicos. E é por meio das formas linguísticas desses discursos que analisamos a relação existente entre língua e sociedade, que são reveladas a partir dos fatos culturais.

Buscamos aqui analisar as formas linguísticas do discurso de Leonel Brizola sob a perspectiva do discurso político, tendo por base os princípios teóricos de Émile Benveniste que evidenciam uma antropologia da enunciação e a relação existente entre língua e sociedade. Mas como podemos relacionar esses dois vieses?

Teixeira (2012, p. 68) indica o caminho, afirmando que “para abordar o discurso pelo paradigma benvenistiano é preciso relacionar os fatos de linguagem à (inter)subjetividade”. Infere-se, disso, que é relacionando ao fato de que o homem se marca na língua, e que a linguagem quando posta em ação é um elo entre parceiros – e somente pode ser através da intersubjetividade que a comunicação linguística se torna possível – que analisamos aqui o modo como Leonel Brizola, enquanto sujeito enunciativo, se relacionava com seus parceiros de troca discursiva (eleitores e sociedade em geral) e como mostrava a eles, pelas formas linguísticas que escolhia para usar em sua fala e pelo seu irreverente vocabulário (carregado de regionalismos gaúchos, metáforas e ironias), suas crenças e seus pontos de vista sobre as mais diversas situações.

Consideramos importante apresentar, nesta seção, a diferença proposta por Benveniste entre *homem*, *locutor* e *sujeito* (este último será abordado de forma mais ampla no próximo

capítulo) para que possamos esclarecer a distinção entre o *homem* Leonel Brizola e o político como *locutor* e enquanto *sujeito* da enunciação.

Conforme Benveniste (1958/ 2005, p. 285), “a linguagem ensina a própria definição de homem”, isso é, o homem só se constitui e pode ser assim definido pela linguagem, portanto, o *homem* Leonel Brizola é aquele que comunica, que utiliza a linguagem para existir, para “ser”.

O *locutor* é o indivíduo linguístico cuja existência se marca na língua toda vez que ele toma a palavra. Ele é definido pela construção linguística própria e particular que utiliza para enunciar, é aquele que se apropria da língua, e, ao se propor como sujeito evidencia em seu discurso suas ideias e crenças, dessa forma, é através de Brizola enquanto *locutor* que podemos o reconhecer enquanto político, através do uso da língua para pronunciar seus discursos.

Segundo Flores (2013b, p. 111), discutir a noção de *sujeito* não é tão simples e “abre a teoria de Benveniste à exterioridade teórica da linguística”, pois tal termo está citado inúmeras vezes nos estudos do PLG I e do PLG II, com sentidos diferentes, mas, assim como Flores (2013b), nos aprofundamos no conceito de *sujeito* apresentado no texto *A subjetividade na linguagem (1958)*, que mostra que o *sujeito* é o efeito de constituição do homem *na e pela* linguagem.

[...] o *sujeito* poderia ser pensado como um efeito da *apropriação*, como um efeito do “mise en fonctionnement de la langue par un acte individuel d’utilisation” (PLG II : 80), da “conversion individuelle de la langue en discours” (PLG II :81). Isso me permite dizer que a *apropriação* da qual fala Benveniste não pode ser vista como um mero “tomar posse de”, o que estaria em oposição às ideias do autor. O sentido de *apropriação*, para mim, é mais próximo de “tornar próprio de si”. Nesse sentido, não seria um contrassenso dizer que o *sujeito* seria *da* enunciação porque ele adviria *da* enunciação (FLORES, 2013b, p. 112).

Estando elucidadas a definição de homem, locutor e sujeito, consideramos importante responder à seguinte pergunta: Mas afinal, quem é (o homem) Leonel de Moura Brizola?

Animal Político? Caudilho? Centralizador? Instintivo e intuitivo? Ou o líder autenticamente popular, cujo carisma dificilmente explicável arrebatou multidões, e por isto mesmo, inquieta os detentores de todos os poderes? [...] Quem afinal, há de ser este homem de palavreado tosco [...]? Quem é este *guasca* tão e tão falante que, sem frases redondinhas, mas claramente forjadas num caldeirão em que, a uma vivência concreta de certas situações, se junta uma audácia quase arrogante capaz de dar às suas palavras a têmpera desejada pelas maiorias sofredoras? (SOARES, 1985, p. 14)

Esse homem se chama Leonel de Moura Brizola, político brasileiro já falecido, considerado o herdeiro político de Getúlio Vargas e de João Goulart, dois ex-presidentes do Brasil. Leonel Brizola foi um dos maiores líderes nacionalistas do país, pois foi o único no cenário político brasileiro a ser governador em dois estados distintos, o Rio Grande do Sul

(1958 a 1962, pelo PTB), onde iniciou a sua carreira política; e, por duas vezes, o Rio de Janeiro (1983 a 1987; 1991 a 1994, pelo PDT), onde fixou residência em 1963, ao ser eleito deputado federal com cerca de um terço dos votos de todos os cariocas.

Em seu primeiro governo no estado do Rio de Janeiro, Brizola retomou a luta iniciada ainda no Rio Grande do Sul, em favor da educação pública. Idealizou e executou, com a ajuda de Darcy Ribeiro, o mais arrojado e revolucionário programa educacional já desenvolvido no Brasil: o Programa Especial de Educação, o de construção dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), que o povo apelidou de “Brizolão”. Uma escola integrada, de turno único, com assistência médico-sanitária e nutricional, biblioteca e estudo dirigido, tendo cada CIEP capacidade para até mil alunos.

Brizola continuou sua vida pública e política, e estava disposto a disputar, em 2004, as eleições para a prefeitura do Rio de Janeiro, porém, após algum tempo apresentando-se doente, no dia 21 de junho de 2004, aos 82 anos, Leonel de Moura Brizola faleceu em decorrência de um infarto agudo no miocárdio. O corpo de Leonel Brizola foi velado no Palácio Guanabara, sede do governo do estado do Rio de Janeiro durante todo o dia 22 de junho. A população acompanhou o cortejo fúnebre, que passou por um dos primeiros CIEPs inaugurados por Brizola, antes de chegar ao aeroporto e dali seguir para Porto Alegre, no dia seguinte. Depois de ainda ter sido velado em Porto Alegre, Brizola foi sepultado em São Borja, no jazigo da família Goulart, onde estão os restos mortais de sua esposa, Neusa Goulart, e de seu cunhado, o ex-presidente da República, João Goulart. Nessa mesma cidade, também se encontra o túmulo de Getúlio Vargas.

Um das mais marcantes características de Leonel de Moura Brizola ao longo de sua vida pública e política é o fato de que ele utilizava, em seus discursos, pronunciamentos e entrevistas, palavras e termos regionalistas gaúchos, carregados de humor e ironia, e até mesmo contendo certa malícia. As formas linguísticas utilizadas por Brizola, bem como seu vocabulário, eram únicos e inconfundíveis, e, segundo Goulart (2004, p. 13), todas as frases de Brizola “continham certa graça, mas nenhuma era dita de graça”. Sua irreverência e até mesmo suas “palavras venenosas” tinham sempre um objetivo ou um alvo. E é nas formas linguísticas utilizadas por Leonel Brizola em seus discursos, e no uso peculiar que ele fazia dessas formas em seus pronunciamentos – que, assim como conquistava e persuadia seus eleitores, também acumulava desafetos, que o repudiavam – que buscamos encontrar o *semantismo social* constitutivo de seu dizer.

Como vimos até o momento, a relação existente entre *língua(gem)* e *homem* é de indissociabilidade, um não existe sem o outro, e é a esse fato que está ligada a antropologia da

enunciação discutida neste capítulo, uma vez que o homem só é homem porque tem linguagem e utiliza a língua para se comunicar com outros homens, e é pela língua que ele se insere em uma determinada cultura.

É sobre essa inserção em uma cultura por meio da língua que buscamos aqui desvendar o que levava Leonel Brizola a ser um político tão reconhecido no cenário nacional devido a seus discursos peculiares, e pelo uso que esse homem fazia da língua ao se comunicar com seus eleitores ou com a população em geral, característica que fazia com que determinadas culturas o idolatrassem ou o repudiassem.

Chegando ao final deste capítulo, dedicado a um olhar sobre a antropologia da enunciação, consideramos relevante apresentar em um quadro síntese os principais fundamentos teóricos que foram discutidos até o momento e que servirão posteriormente para delinear os princípios metodológicos que orientarão a análise.

Quadro 2 - Síntese dos principais conceitos e fundamentos teóricos discutidos no Capítulo 2

- 1) A relação entre homem, linguagem e cultura é de indissociabilidade.
- 2) O fundamento principal da antropologia da enunciação está diretamente ligado à questão cultural a partir da faculdade da linguagem, que é *simbolizar*. O homem só é homem porque tem linguagem, e para que possa assim ser considerado, ele precisa de um parceiro de troca a quem ele possa se dirigir e com quem se comunicar, instaurando assim a *intersubjetividade*.
- 3) O homem está na linguagem (axioma geral) e na língua (axioma específico), o que revela o fato de o homem apropriar-se da língua, isso é, de enunciar, de “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, marcando-se na língua a partir de suas relações sociais e culturais.
- 4) O *homem* é aquele que comunica, que utiliza a linguagem para existir, para “ser”; o *locutor* é definido pela construção linguística própria e particular que ele utiliza para enunciar, é aquele que se apropria da língua; o *sujeito* é aquele mobiliza a língua à sua própria maneira, e, conseqüentemente, se mostra em sua própria fala ao dizer “eu”.
- 5) A ideia de interdição de palavras e construções lexicais relaciona-se diretamente aos fatos culturais.

Pela teoria até então discutida neste trabalho, concluímos que o homem só pode ser assim considerado porque tem linguagem, essa que ele utiliza para se comunicar com outro homem, e, a cada vez que se apropria do sistema da língua para se comunicar, o homem se mostra pertencente a uma determinada cultura, pois, por meio da fala, ele mostra suas crenças e seus valores. Portanto, compreendermos, através do que foi elucidado neste capítulo, que a relação entre homem e língua(gem) é de indissociabilidade.

Da mesma forma que concebemos a relação entre *língua(gem)* e *homem*, concebemos a relação entre *língua* e *sociedade*, pois ambas se determinam mutuamente, e é para compreendermos tal relação em uma visão mais ampla, relacionando os fatos culturais, que o próximo capítulo deste estudo se constitui.

3 O HOMEM DESVENDADO NA E PELA LINGUAGEM: A RELAÇÃO LÍNGUA E SOCIEDADE

Este capítulo apresenta inicialmente asserções apresentadas nos estudos de Benveniste intitulados *Da subjetividade na linguagem* (1958) e *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968), sendo que, no texto de 1958, mesmo sem ainda ter se aprofundado em uma tese que contemplasse a relação *língua e sociedade* (o que foi publicado somente dez anos mais tarde), o autor já apresenta uma teoria em que afirma que língua e sociedade são interdependentes e se concretizam numa relação mútua, da mesma maneira que os homens precisam da linguagem para se efetivarem como tal. Sendo assim, apresentamos aqui um estudo sobre as marcas do homem enquanto *sujeito* da enunciação, como sendo o fundamento principal constitutivo da subjetividade, e sobre a maneira como essas marcas podem definir esse sujeito como pertencente a uma determinada sociedade.

Aprofundamos este estudo buscando entender como Leonel de Moura Brizola, ao se apropriar da língua e enunciar na busca de atingir o outro, se mostrava pertencente a uma determinada sociedade e a uma cultura específica a partir das formas linguísticas que utilizava em seus discursos.

Sabe-se que a linguagem é o único meio de um homem atingir outro homem, pois ela exige e pressupõe o outro para que possa haver diálogo, comunicação. Segundo Benveniste (1963/2005, p. 31), “não há relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem. É preciso haver um intermédio, esse aparato simbólico, que tornou possíveis o pensamento e a linguagem”, dessa forma, “estabelecendo o homem na sua relação com a natureza ou na sua relação com o homem, pelo intermédio da linguagem, estabelecemos a *sociedade*” [grifo nosso]. Portanto, *língua e sociedade* são interdependentes, visto que uma depende da outra para que possa existir, e o linguista afirma, “língua e sociedade não se concebem uma sem a outra” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 31). Por isso, aprofundamos aqui a relação língua e sociedade, considerando que é a partir do fato de o homem se tornar o sujeito falante ao se apropriar da língua, assim sendo o elemento constitutivo da enunciação, que ele se torna também membro de uma sociedade.

É imprescindível o esclarecimento do que se entende por língua e por sociedade para que se possa compreender a relação mútua entre elas. Nesse sentido, é fundamental conhecer as duas acepções de língua e as duas acepções de sociedade apresentadas por Benveniste (1958/2006), bem como é preciso ter clareza sobre o fato de que essas explicações distintas apresentam diferentes propostas de relação. Há sociedade como dado empírico, histórico

(sociedade chinesa, francesa, etc.) e há sociedade como coletividade humana, essa que é a base e condição primeira da existência dos homens (nível fundamental); e há língua como idioma empírico, em nível histórico (o chinês, o francês, etc.), e há a língua como sistema de formas significantes, que é a condição primeira da comunicação (nível fundamental). Quando se retrata a problemática *língua e sociedade*, não há possibilidade de relacioná-las no nível histórico, contudo, no nível fundamental, a relação é possível, e essa possibilidade de relação é a abordagem principal nessa tese de Benveniste.

Segundo Benveniste (1963/2005, p. 31), língua e sociedade são *dadas*, mas também são *aprendidas* pelo ser humano, e essa aprendizagem inicia desde que o humano é criança, pois “a criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens. São homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra”, e, por intermédio da linguagem, não apenas ensinam as palavras, mas também o viver em sociedade, mostrando a esse grupo social que ele faz parte de determinada cultura. Dessa forma, “à medida que se torna capaz de operações intelectuais mais complexas, [a sociedade] integra-se na *cultura* que a rodeia” (p. 31). Essa experiência de aquisição de linguagem, e da vida em sociedade, conforme Diedrich (2015, p. 25),

[...] é marcada pelo simbólico da linguagem, por meio do qual a cultura deixa seus traços impressos na língua, da qual cada homem se apropria para viver suas experiências de significação com outros via discurso. Por isso, a interpretação do sentido se dá sempre no seio de uma cultura, a partir dos traços reveladores de valores impressos na língua, os quais podemos resgatar a partir da observação dos diferentes empregos possíveis da língua e que revelam o *semantismo social* a que Benveniste se referiu (1969/1989), o qual entendemos como resultado das relações entre sistema interpretante, a língua, e sistema interpretado, a cultura e seus esquemas sociais [grifos nossos].

Em uma entrevista realizada no ano de 1968, Benveniste (2006, p. 22) revela que a cultura é “um sistema que distingue o que tem sentido, e o que não tem”, e continua o raciocínio, afirmando que “tudo que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistemas de valores. Muito bem! Esses valores são os que se exprimem na língua. É, no entanto, um trabalho difícil trazê-los à luz, porque a língua não se transforma automaticamente à medida que a cultura se transforma”. Os valores culturais se imprimem na língua, se marcam na língua, e a língua os contém, por isso, “em nossa cultura atual integra-se toda a espessura de outras culturas. É nisto que a língua pode ser reveladora da cultura” (BENVENISTE, 1968/2006, p. 23).

O autor complementa sua asserção em relação à criança enquanto ser inserido na cultura através da língua, cinco anos antes da data da entrevista, afirmando que “vemos sempre a linguagem no seio da sociedade, no seio da cultura. E se digo que o homem não nasce na natureza, mas na cultura, é que toda criança e em todas as épocas, na pré-história a mais recuada

como hoje, aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura. Nenhuma língua é separável de uma função cultural” (BENVENISTE, 1968/2006, p. 23-24).

Nesse sentido, Klafke (2016, p. 32) sugere que “o meio cultural do qual participa o sujeito alimenta sua capacidade singular de se manifestar na e pela linguagem. Manifestação que é única e irrepitível, tanto do ponto de vista do ato enunciativo em si, como também do arranjo particular proposto pelo locutor ao entrar no terreno do discurso”.

Conforme já apresentado, a cultura é a representação dos valores da sociedade, assim, sua inscrição na sociedade, na relação existente entre *eu* e *tu*, é de ordem mediatizante, isso é, a cultura que possibilita, permite ou proíbe determinados diálogos. Dessa forma, a cultura é o elo entre linguagem e língua, entre locutor e sujeito, entre ouvinte e interlocutor, entre língua e sociedade. A respeito do papel mediador da língua, Silva (2009, p. 159-160) afirma que

[...] a língua é sempre *mediação*, seja homem/sociedade, seja homem/cultura, seja homem/homem, uma vez que enfatiza serem as *relações intersubjetivas* a condição para a comunicação. Nesse caso, parece estarmos diante de uma instância cultural, visto a intersubjetividade estar centrada na condição de homem como ser falante na cultura [grifos da autora].

Portanto, a linguagem é o único caminho para que se possa reconhecer o homem enquanto sujeito, da mesma forma que a sociedade enquanto língua, e isso somente pode ser identificado por meio de um *eu* dirigindo-se a um *tu* em situações discursivas, em práticas sociais, pois somente numa relação em que exista diálogo e troca é possível identificar os homens enquanto seres sociais e culturais, uma vez que sujeito, língua, sociedade e cultura são indissociáveis.

3.1 A SUBJETIVIDADE COMO REVELADORA DA RELAÇÃO LÍNGUA E SOCIEDADE

Toda vez que toma a palavra para se dirigir ao seu parceiro, o falante se institui como *sujeito da enunciação*, conceito já explorado anteriormente, assim, tem-se, então, a *subjetividade*, definição que só pode ser adquirida através da linguagem. O falante – ao se propor como sujeito – é identificado como um membro da sociedade, e também da cultura na qual está inserido, seja por meio de seu vocabulário inerente à determinada organização social e cultural, uma vez que esse detém o papel de representante da língua na relação *língua e sociedade*, seja em razão do fato de que toda vez que o locutor toma a palavra ele é, ao mesmo tempo, uma realidade individual e coextensiva à toda coletividade, e esse só consegue se

mostrar pertencente à determinada sociedade no momento em que se apropria da língua, que fornece e assegura o funcionamento subjetivo e referencial do enunciado proferido.

Benveniste afirma que “a língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas, ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar o *semantismo social*” (2006, p. 100 grifos nossos), conceito que será explorado mais à frente neste trabalho. A partir dessa afirmação, contata-se que “cada classe social se apropria dos termos gerais, atribui a elas referências específicas e os adapta assim à sua própria esfera de interesse e frequentemente os constitui com base em derivação nova” (BENVENISTE, 1968/2006, p. 102).

Benveniste (1958/2005, p. 286) vincula o homem à linguagem, afirmando que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”. Posteriormente, abordaremos o conceito de “ego”, mostrando as distinções, também chamadas de desdobramentos, entre as categorias de *pessoa* e de *não pessoa* do discurso, a fim de esclarecimentos.

Benveniste (1956/2005)⁸ define como *pessoa* os seres constitutivos ao ato enunciativo, o par linguístico que coexiste simultaneamente a partir da reciprocidade, ou seja, o *eu* (aquele que diz *eu*) e o *tu* (sujeito a quem o *eu* se dirige)⁹. O *eu* é subjetivo, diferentemente do *tu*, que é o sujeito não subjetivo. O *tu*, no entanto, também é pertencente à categoria de *pessoa*, uma vez que o *eu* precisa do reconhecimento do *tu* para que possa se concretizar. A categoria de *não pessoa* não remete a nenhuma pessoa da enunciação, se refere a algo ou a alguém fora da alocação. Tem-se, então, o sujeito objetivo da língua, o *ele*, ser sobre quem o *eu* e o *tu* se referem e que não está diretamente ligado ao locutor e ao alocutário.

Para referir-se às categorias de *pessoa/não pessoa*, em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, Benveniste (2006, p. 101) vai além da explicação já apresentada anteriormente e conceitua que a noção de *pessoa (eu-tu)* “é uma estrutura de alocação pessoal que é exclusivamente inter-humana”, enquanto a *não pessoa (/ele)* “efetua a operação da referência e fundamenta a possibilidade do discurso sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é alocação”. Assim é crucial a diferenciação entre as categorias de *pessoa* e de *não pessoa*, o que leva Benveniste a enfatizar que esse desdobramento, esse duplo funcionamento subjetivo e

⁸ Em *A natureza dos pronomes* (1956/2005).

⁹ Segundo Fiorin (2010, p. 41), “a categoria de *pessoa* é essencial para que a linguagem se torne discurso”.

referencial do discurso, é uma distinção fundamental e está sempre presente em qualquer língua, em qualquer sociedade, e em qualquer época.

O “ego” que o autor apresenta em sua produção é o pronome¹⁰ *eu*, “é ‘ego’ quem diz *ego*” (1958/2005, p. 286), e dessa forma encontra-se então o fundamento principal da subjetividade, que é a determinação do locutor ao se tornar o *sujeito* da enunciação, podendo-se dizer, então, em outras palavras, que “é ‘sujeito’ quem diz *eu*”, é sujeito aquele que assume o papel de *eu* ao se dirigir ao parceiro *tu*. Somente dessa forma a linguagem concretiza sua existência, pois ela “só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a ‘mim’, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*” (BENVENISTE, 1958/2005, p. 286).

Dessa forma, essa relação existente entre os sujeitos pertencentes à categoria de *pessoa* (*eu/tu*) é a condição fundamental do processo de comunicação, e mesmo que o *eu* tenha uma posição transcendente em relação a *tu*, nenhum dos dois termos pode ser concebido sem o outro, ambos se complementam. Assim, conforme afirmação de Benveniste (2005, p. 289), “a linguagem de algum modo propõe formas ‘vazias’ das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e às quais refere à sua ‘pessoa’, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um participante como *tu*”.

Como primeiro ponto de apoio para a realização da subjetividade na linguagem, são utilizados os pronomes pessoais, pois não há língua que não possua expressão de pessoa, assim, a subjetividade sempre será revelada em todo ato enunciativo. Contudo, os pronomes demonstrativos (isto, esta, este, entre outros), os advérbios de tempo (ontem, agora, hoje, amanhã, etc.), advérbios de lugar (aqui, lá, entre outros), e os tempos verbais (passado, presente, futuro), estes que são indicadores da *déixis*¹¹, também evidenciam as marcas de subjetividade, portanto, as formas linguísticas e as marcas discursivas do sujeito, ao se expressar, atestam essa subjetividade.

A subjetividade é o que torna possível a existência da linguagem, é o que permite que os homens interajam socialmente e se comuniquem. A linguagem é “tão profundamente marcada pela expressão da subjetividade que há incertezas de que se caso fosse construída de

¹⁰ Contudo, *eu* não pode ser entendido simplesmente como um pronome. Segundo Flores (2013), “ele deve ser interpretado como uma marca linguística da categoria de pessoa que mostra a passagem do locutor a sujeito” (p. 100).

¹¹ Mecanismo que relaciona a indicação de um objeto através de uma palavra à instância de discurso que a contém (FLORES et al., 2009, p. 77).

outro modo, poderia ainda funcionar e chamar-se linguagem” (BENVENISTE, 1958/2005, p. 287). Por meio dessa teoria, Benveniste apresenta que a subjetividade é muito mais do que apenas um fenômeno linguístico, ela também é – principalmente – um fenômeno social.

Como já visto anteriormente, a linguagem é o único meio de um homem atingir outro homem, pois exige e pressupõe o outro para que possa haver diálogo, comunicação. Essa mesma relação é constitutiva da relação *língua e sociedade*, uma vez que essas também são interdependentes uma da outra para que possam existir, “língua e sociedade não se concebem uma sem a outra” (1958/2005, p. 31). No estudo *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste (1958/2005, p. 287) considera que é ilegítimo e errôneo opor indivíduo e sociedade a um só termo como original, pois “é numa dialética que englobe os dois termos e os define pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade”. Dez anos após essa afirmação, Benveniste apresenta seu estudo denominado *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, no qual ele retoma os conceitos de língua e sociedade enquanto noções correlativas de forma aprofundada e analisa a relação existente entre essas duas entidades.

Benveniste (1968/2006 p. 97) se refere à *língua e sociedade* em uma relação semiológica¹², em uma relação de *interpretância*¹³, ou seja, na concepção entre um sistema interpretante e um sistema interpretado. Reconhece, portanto, que “a língua é o interpretante da sociedade”, e isso justifica-se pelo fato de que a língua contém a sociedade, o que pode ser verificado de duas maneiras:

[...] de início empiricamente, pelo fato de que se pode isolar a língua, estudá-la e descrevê-la por ela mesma, sem se referir a seu emprego na sociedade, e sem se referir a suas relações com as normas e as representações sociais que formam a cultura. Em contrapartida, *é impossível descrever a sociedade, descrever a cultura, fora de suas expressões linguísticas*. Neste sentido a língua inclui a sociedade, mas não é incluída por esta (p. 97-98, grifos nossos).

Portanto, o homem só pode ser esclarecido enquanto ser situado (na) e constitutivo da relação língua e sociedade a partir de suas relações inter-humanas, ou seja, da intersubjetividade e da subjetividade encontrada na linguagem, pois é na prática social, comum ao exercício da língua, que o homem pode ser desvendado.

¹² Ver *Semiologia da Língua* (1969), em Benveniste (2016)

¹³ O conceito e a relação de interpretância da língua serão aprofundados no capítulo subsequente.

3.2 A DUPLA ARTICULAÇÃO *FORMA-SENTIDO* NAS RELAÇÕES INTER-HUMANAS COMO O ELO CONSTITUTIVO DA RELAÇÃO *LÍNGUA E SOCIEDADE*

Todas as escolhas realizadas pelo locutor quando ele se dirige ao seu interlocutor têm como principal objetivo *significar* algo para aquele a quem ele está comunicando, dessa forma, nos deparamos com o “centro do problema mais importante, o problema da significação. Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 222). Ao problema da significação manifesta-se a dupla articulação *forma-sentido*, que é base de todas as realizações inter-humanas relacionadas à enunciação.

Em relação à articulação *forma-sentido*, Benveniste apresenta em dois de seus estudos definições para tais termos. Em *Os níveis da análise linguística* (1964/2005), o linguista afirma que forma e sentido estão relacionados à noção de *nível de análise*, e apresenta as duas operações fundamentais que ligam a forma e o sentido à noção de nível, sendo elas: a segmentação e a substituição. Segundo Benveniste (1964/2005, p. 128), “seja qual for a extensão do texto considerado, é preciso, em primeiro lugar, segmentá-lo em porções cada vez mais reduzidas até os elementos não decomponíveis. Paralelamente identificam-se esses elementos por meio das substituições que admitem”, e embora a segmentação e a substituição sejam concomitantes, elas não têm o mesmo alcance.

Nessa perspectiva, o autor defende que o *sentido* deriva nas operações de segmentação e substituição em função do nível de análise linguística do qual ele depende, sendo o sentido de uma unidade a condição única para que ele possa, ao mesmo tempo, *integrar* um nível superior e *distribuir-se* no mesmo nível. Nesse sentido, há duas espécies de relações: entre as unidades de um mesmo nível (distribucionais), e entre as unidades de níveis diferentes (integrativas). É nesse contexto que Benveniste apresenta sua asserção acerca das noções de forma e sentido. Dessa forma, conforme),

[...] a *forma* diz respeito às relações *distribucionais* e permite reconhecer as unidades como *constituintes*; o *sentido* diz respeito às relações *integrativas* e permite reconhecer as unidades como *integrantes*. A *forma* de uma unidade linguística é, em *Os níveis da análise linguística*, portanto, a sua capacidade de dissociação em *constituintes* de nível inferior; o *sentido* de uma unidade linguística é, por sua vez, a capacidade de *integrar* uma unidade de nível superior (FLORES, 2009, p. 124, grifos do autor).

No estudo de Benveniste (1966/2006, p. 222) denominado *A forma e o sentido na linguagem*, o autor apresenta, como em uma primeira aproximação aos dois termos, a ideia de que

[...] o sentido é a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores; e a forma é, do ponto de vista linguístico (a bem dizer do ponto de vista dos lógicos), ou a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é excluído ou o arranjo formal destes elementos ao nível linguístico relevante.

Porém, o linguista distancia-se dessa abordagem que concebe *forma e sentido* em termos opositivos e reinterpreta essa oposição no quadro da língua em uso, afirmando que “opor a forma ao sentido é uma convenção banal” (BENVENISTE, 1966/2006, p. 222). Para o autor, a dupla articulação forma-sentido é a base de todas as realizações humanas, individuais e coletivas, ligadas ao exercício do discurso, uma vez que é a base da significação, e, conseqüentemente da compreensão. E, relacionado a isso, Benveniste (1966/2006, p. 222) afirma brilhantemente que as funções que a linguagem assegura ao meio humano podem ser resumidas ou explicadas em apenas uma palavra:

[...] eu diria que, bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar (grifos do autor).

A partir do que apresentamos a respeito da forma e do sentido em *A forma e o sentido na linguagem*, entende-se que escolhas que fazemos ao enunciar dizem respeito às *formas* que escolhemos para empregar a língua, isto é, a maneira como escolhemos e utilizamos as palavras está diretamente relacionada ao funcionamento semântico da língua, que permite a integração da sociedade e a adequação que o locutor realiza, com o intuito de gerar um sentido em sua fala para aquele a quem a está dirigindo.

A dupla articulação *forma-sentido* é o princípio norteador para que possamos realizar o estudo aqui proposto, uma vez que buscamos compreender como Leonel de Moura Brizola se relacionava, através da língua, com o público a quem estava se dirigindo, e só podemos compreender tal questão a partir da análise das formas utilizadas nos discursos do político em questão. Dessa forma, diante de tamanha relevância que a relação *forma e sentido* tem para este trabalho, aprofundaremos tal discussão no capítulo subsequente.

Como sabemos, um homem só atinge outro homem através da linguagem, mais especificamente a partir das relações – ou funções – inter-humanas do discurso, que são as

operações que tornam o diálogo possível entre dois locutores, devido à oposição entre as pessoas *eu* e *tu* nas práticas discursivas e sociais. É a partir desse fundamento de Benveniste que discutimos nesta seção as formas com as quais o locutor pode se utilizar da língua para influenciar, de algum modo, o comportamento, ou suscitar ideias em seu alocutário, e é considerando essas formas de enunciação que podemos compreender melhor a maneira como a língua se relaciona, contém, e constitui a sociedade.

Sempre que se apropria da língua, o *eu* tem como intenção manter a prática discursiva com o *tu*, seja questionando-o, dando-lhe ordens ou apenas realizando afirmações, mas sempre com o intuito de ter uma resposta ou reação de seu alocutário. Como formas de suscitar um retorno do alocutário para com o locutor, Benveniste (1970/2006) descreve três tipos de relação que podem manter o diálogo entre as pessoas da enunciação.

Em primeiro lugar, como forma de relação direta entre o *eu* e o *tu*, há a *interrogação*, por intermédio da qual o enunciador sempre busca que seu alocutário interaja, pois a interrogação “é uma enunciação construída para suscitar uma ‘resposta’, por um processo linguístico que é ao mesmo tempo um processo de comportamento em dupla entrada” (BENVENISTE, 1970/2006, p. 86).

Da mesma forma, temos a *intimação*, que, segundo Benveniste (1970/2006, p. 86), “são ordens, apelos concebidos em categorias como o imperativo, o vocativo, que implicam uma relação viva e imediata do enunciador ao outro numa referência necessária ao tempo da enunciação”.

De maneira menos evidente, sem necessariamente esperar um retorno do alocutário, mas induzindo-o a participar do diálogo, há a *asserção*, que “visa a comunicar uma certeza, ela é a manifestação mais comum da presença do locutor na enunciação, ela tem mesmo instrumentos específicos que a exprimem ou a implicam, as palavras *sim* e *não* afirmando positivamente ou negativamente uma proposição” (BENVENISTE, 1970/2006, p. 86).

Portanto, de todas as formas com as quais o locutor se apropria da língua para enunciar, ele tem como principal intenção dialogar com um parceiro, e é a partir das palavras, construções lexicais e termos utilizados, que ele se mostra como pertencente a uma determinada sociedade e a uma determinada cultura. Nesse sentido, utilizamos Silva (2013, p. 117) para evidenciar que a dupla proposição do axioma benvenistiano “*o homem na língua*” e “*o homem na linguagem*”

[...] mostra que a *eficácia da palavra* – o homem na língua pela sociedade particular – não anula ou apaga a *presença da palavra* – o homem na linguagem, mas não na língua. A diferença entre *eficácia* e *presença* pode trazer inúmeros efeitos: ignorância da palavra (‘não ser ouvido’), sanção da palavra (‘proibição em dizer determinadas palavras e conceitos’) até prescrições mais severas (‘o homem’ é punido por falar, ele

próprio é ‘calado’, o que, de acordo com a cultura/sociedade, pode levar à morte física e/ou linguística) (grifos da autora).

Nesse contexto, associamos as definições da *eficácia da palavra* e da *presença da palavra* ao âmbito do discurso político, uma vez que nem sempre o sujeito que enuncia nesse tipo de discurso atinge o seu alocutário de forma favorável – há vezes em que nem mesmo o atinge – como havia planejado, e essa falta de eficácia da palavra diz respeito exatamente às crenças e aos posicionamentos que a sociedade possui, portanto, a palavra está presente, foi suscitada uma resposta ou um retorno do parceiro, porém, pode não haver êxito. Nesse sentido,

[...] é importante frisar o conceito de Benveniste de ‘língua’: não se trata de sentenças bem formadas de estruturas linguísticas; trata-se da indissolúvel relação entre forma e função, entre diálogo e sociedade. A ‘presença’ do homem na linguagem/língua pode se traduzir então em inúmeros sentidos para o outro/sociedade: ‘aceitação’, ‘rejeição’, ‘punição’, ‘proibição’, ‘riso/escárnio’, entre outros efeitos. É sempre e somente na relação *eu-tu* que estes e outros efeitos se configuram (SILVA, 2013, p. 117, grifos da autora).

Portanto, é somente nas relações inter-humanas, sob a condição da intersubjetividade, de um *eu* dirigindo-se a um *tu*, e esperando dele um retorno, para que assim possa existir a comunicação linguística, que conhecemos de fato o homem, enquanto ser social e cultural.

Dessa forma, para determinar a cultura e a sociedade nas quais um homem está inserido, suas palavras e construções enunciativas precisam ser reconhecidas e compreendidas pelo parceiro, bem como devem estar ligadas ao problema da significação. Isso ocorre devido às duas dimensões nas quais a língua está situada e em decorrência das duas maneiras de ser língua no *sentido* e na *forma*, quais sejam a língua como *semiótica* e a língua como *semântica*, discussão que fazemos no próximo capítulo. Antes de passarmos a tal discussão, apresentamos um quadro síntese com os fundamentos teóricos expostos nessa parte do trabalho e que, posteriormente, serão utilizados na análise dos discursos de Leonel de Moura Brizola.

**Quadro 3 - Síntese dos principais conceitos e fundamentos teóricos discutidos no
Capítulo 3**

- 1) Língua e sociedade são interdependentes, não se concebe uma sem a outra.
- 2) A cultura é o elo entre linguagem e língua, entre locutor e sujeito, entre ouvinte e interlocutor, entre língua e sociedade.
- 3) Toda vez que o falante toma a palavra para se dirigir ao seu parceiro, há a *intersubjetividade*, e, no momento em que mobiliza a língua conforme suas vivências e refere a si mesmo em sua fala, esse falante se institui como *sujeito da enunciação*, ocorrendo, assim, a *subjetividade*.
- 4) A língua engloba a sociedade e a contém em seu aparelho conceitual, ao mesmo tempo, a configura através do *semantismo social*.
- 5) Os pronomes demonstrativos (isto, esta, este, entre outros), os advérbios de tempo (ontem, agora, hoje, amanhã, etc.), advérbios de lugar (aqui, lá, entre outros), e os tempos verbais (passado, presente, futuro), estes que são indicadores da *dêixis*, também evidenciam as marcas de subjetividade em torno do discurso que as contém.
- 6) As relações – ou funções – inter-humanas do discurso são as operações que tornam o diálogo possível entre dois locutores, devido à oposição entre as pessoas *eu* e *tu* nas práticas discursivas e sociais.

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

4 DO RECONHECIMENTO À COMPREENSÃO: UM PERCURSO SOBRE A DUPLA SIGNIFICÂNCIA DA LÍNGUA E A RELAÇÃO DE INTERPRETÂNCIA

Em seus estudos intitulados *A forma e o sentido na linguagem* (1966) e *Semiologia da língua* (1969), Benveniste apresenta dois domínios de sentido para a língua, o *semiótico* e o *semântico*, proposta que tem como intuito ir além da noção apresentada por Saussure como sendo o signo o princípio linguístico único. Com isso, Benveniste pretende dar conta não apenas da estrutura, mas também do funcionamento da língua.

Neste capítulo, são apresentadas as definições e as distinções entre os dois domínios de sentido da língua, bem como a forma como uma depende da outra para que a comunicação linguística possa ser realizada com êxito. Mostramos também como a forma e o sentido de cada domínio de sentido se manifestam no interior da língua.

Essa distinção proposta por Benveniste acerca dos dois domínios de sentido é considerada por Flores (2013) como sendo o *segundo momento* da teoria enunciativa do estudioso, pois Benveniste tinha plena noção do estudo que estava desenvolvendo, e fez isso em um curto espaço de tempo, ou seja, seus estudos voltados à noção do domínio semiótico e do domínio semântico concentram-se na segunda metade da década de 1960.

A linguística proposta por Saussure dá conta apenas do modo de significação semiótico, mas não do domínio do semântico. O modo semiótico, que é próprio do signo linguístico, é considerado enquanto unidade ou elemento do sistema da língua, e trata da descrição de suas marcas distintivas, já o modo semântico é engendrado pelo discurso, ou seja, pela língua em funcionamento, enquanto produtora de enunciação, domínio não explorado nos estudos saussurianos.

Ao apresentar a distinção inicial entre os domínios semiótico e semântico, em *A forma e o sentido na linguagem*, Benveniste (1966/2006, p. 229-230) já esclarece a função de cada um na língua, bem como a forma como eles existem, afirmando que

[...] do semiótico ao semântico há uma mudança radical de perspectiva [...]. A semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação. O signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra aplicações particulares; a frase, expressão do semântico, não é senão particular. Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se as coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação do discurso e à atitude do locutor.

Benveniste (1966/2006, p. 227) afirma que “tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificar no interior da língua. Cada signo entra numa rede de relações e de oposições com outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua”. Assim, a *forma* no modo semiótico diz respeito ao significante, isso é, ao aspecto formal do signo, e o *sentido* diz respeito às relações de oposição com outros signos. Disso, é possível inferir que, enquanto semiótica, a língua é independente de toda referência, formada de signos sem história e sem contexto, cujo sentido é fechado sobre si mesmo. Nesse sentido, Normand (2009, p. 181) explica que

[...] somente a descrição do sistema semiótico conserva um alcance geral que o inscreve nos princípios de uma análise linguística: descrição deste ou daquele fenômeno da língua, de suas unidades e de suas relações (os signos enquanto valores); nesse tipo de análise, opera-se a partir de enunciados particulares, únicos dados observáveis, para apreender as propriedades da língua enquanto sistema.

O modo semântico resulta da atividade do locutor em relação à língua, no momento em que nela o sujeito falante se insere e realiza desde a menor unidade semântica, que é a palavra (não mais enquanto signo ou valores), até um discurso em sua totalidade. Assim, a *forma* no modo semântico diz respeito à organização sintagmática, isso é, às combinações lexicais realizadas pelo falante ao utilizar a língua.

O *sentido* no modo semântico se define pela frase, por meio da ideia que ela exprime. Esse sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento das palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem sobre as outras. Portanto, o modo semântico consiste não na significância do signo linguístico, mas na enunciação, e existe para ser compreendido. Ele é o “sentido” resultante da apropriação e do encadeamento dos signos entre si, que são manifestados na apropriação que o falante faz da língua, ou seja, durante a enunciação. Segundo Benveniste (1966/2006, p. 229),

[...] a noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e ação; vemos desta vez na língua sua função mediadora entre homem e homem, entre homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constrangendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens, [...] *Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação do mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência (grifos nossos).*

Quanto ao aspecto da semantização da língua, Benveniste considera que ela está diretamente associada ao mecanismo de produção da enunciação, uma vez que “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso” (BENVENISTE, 1970/2006, p. 83). O

discurso, portanto, coloca-se como termo chave para a teoria enunciativa, visto que nele analisamos o ato de produção (eu/tu), as situações em que ele acontece (aqui/agora), e os instrumentos de sua realização (pessoa e não-pessoa, tempo, espaço, etc.).

Conforme Normand (2009, p. 182), a análise do modo semântico “associa uma análise semiótica do enunciado a um comentário sobre a situação cada vez particular da enunciação (tal sujeito, tal tempo, tal referente, tal interação, cujas marcas fazem parte da descrição semiótica)”.

A noção de semântica coloca a língua em emprego e ação, na sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, permitindo a integração da sociedade. A língua supõe um locutor e um interlocutor, já que o modo semântico tem como principal função comunicar, enunciar, e só através do diálogo pode haver comunicação, uma vez que “a linguagem exige e pressupõe o outro” (BENVENISTE, 1968/2006, p. 93) e “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem” (BENVENISTE, 1958/2005, p. 285). Koch (2004, p. 19-20), ao se referir à apropriação da língua, e posteriormente à sua transformação em discurso, a partir dos estudos enunciativos benvenistianos, afirma que,

[...] se a frase é uma unidade sintático-semântica, o discurso constitui uma unidade pragmática, atividade capaz de produzir efeitos, reações, ou, como diz Benveniste (1974), “a língua assumida como exercício pelo indivíduo”. Ao produzir um discurso, o homem se apropria da língua, não só com o fim de veicular mensagens, mas, principalmente, com o objetivo de atuar, de interagir socialmente, instituindo-se como EU e constituindo, ao mesmo tempo, como interlocutor, o outro, que é por sua vez constitutivo do próprio EU, por meio do jogo de representações e de imagens recíprocas que entre eles se estabelecem.

Conforme Normand (2014, p. 182), o uso dos termos semiótico e semântico (e também de *semiologia*) são a “combinação de uma teoria inacabada e de análises luminosas” e que parecem “muito mais do que um modelo diretamente aplicável, uma incitação a retomar, cada vez sob um novo olhar, o problema do sentido, tarefa que fica para cada um é a de escolher uma posição filosófica sobre a maneira pela qual o ser humano se apropria do mundo e de si mesmo”.

Ao encontro de nossa discussão a respeito da dupla significância da língua e das principais atribuições relacionados a cada um dos domínios linguísticos nos deparamos com Silva e Oliveira (2016, p. 406), que didaticamente explicam que

[...] a centralidade da língua dentre os sistemas de signos deve-se também ao fato de ela: a) manifestar-se pela enunciação e referir uma situação dada, já que falar é sempre *falar de* – ou seja, a língua é convertida em discurso “para dizer alguma coisa, para transmitir uma mensagem” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 20) – destaca-se aqui a

questão da **referência**; b) compor-se formalmente de signos em relação, isto é, por apresentar uma “composição em unidades de significância” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 52), distribuídas e integradas em níveis – destaca-se aqui a **relação forma-sentido**; c) ser produzida e recebida por membros de uma comunidade que compartilham os valores de referência dessa comunidade, pois “[a] linguagem tem sempre sido inculcada nas crianças pequenas, e sempre em relação ao que se tem chamado as realidades que são realidades definidas como elementos de cultura” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 24) – destaca-se aqui a questão da **cultura**; d) ser a única atualização da comunicação intersubjetiva, já que “cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 101) – destaca-se aqui a questão da **intersubjetividade** (grifos dos autores).

Conforme Benveniste (1969/2006, p. 66), “o semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO”. Assim, apesar da percepção inicial de que o modo semântico e o modo semiótico são apresentados como opostos, pode-se constatar que ambos se complementam, pois, o semântico, que tem como principal função comunicar, só pode se concretizar no momento em que o sujeito se insere no domínio do semiótico e cria referência e significado para os signos que utiliza em seu discurso.

4.1 A DUPLA SIGNIFICÂNCIA DA LÍNGUA EXISTENTE NA RELAÇÃO *LÍNGUA E SOCIEDADE*

Benveniste (1966/2006) refere-se a *língua e sociedade* em uma relação semiológica, ou seja, em se conceber a vida dos signos no seio da vida social. Para o teórico, é pela noção de signo que estão vinculadas linguística e semiologia, e o que une a linguística e a semiologia é o princípio do signo em sua natureza arbitrária, ou seja, ele é sempre a convenção que é reconhecida pelos falantes que utilizam aquele signo.

Saussure (2012, p. 108), que foi o grande pioneiro na teoria do signo linguístico, ao definir que um signo é a união de um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante), e ao constatar que o laço que une o significante ao significado é arbitrário, afirma que, “com efeito, todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo [...]”. O estudioso ainda complementa que “os signos inteiramente arbitrários realizam melhor que os outros o ideal dos procedimentos semiológicos [...]” (*ibidem*). Nesse sentido, conforme Benveniste (1969/2006, p. 55), “os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, jamais o inverso. A língua será então “o interpretante da sociedade” (BENVENISTE, 1968/2006, p. 97).

Para que se possa determinar a relação existente entre a língua e a sociedade através da *semiologia*, ciência essa que estuda a vida dos signos no seio da vida social, é necessário, primeiramente, compreender que a língua é o único sistema semiológico que tem dupla

significância, duas dimensões: o modo *semiótico*, ou seja, “o modo de significação que é próprio do signo linguístico e que o constitui como unidade” (BENVENISTE, 1966/2006, p. 64), e o modo *semântico*, que se define como o “modo específico de significância que é engendrado pelo discurso” (BENVENISTE, 1966/2006, p. 65).

A língua, ao englobar a sociedade, instaura o que Benveniste chama de *semantismo social*, que permite à língua, quando em funcionamento, no ato enunciativo, revelar “a variação da referência na estabilidade da significação” (BENVENISTE, 1968/2006, p. 100), isso é, de acordo com a sociedade na qual está inserido, o sujeito irá compreender e dar significados específicos ao que lhe foi dito. Segundo Klafke (2016, p. 27), “o semantismo social sugere que os signos são capazes de carregar marcas aptas a instaurarem certa referência social, adquirindo valor quando ligados entre si e coordenados a determinada referência instanciada na e pelo uso da língua”.

Todo sistema linguístico é constituído por signos, da mesma maneira que todas as línguas se manifestam através da enunciação. É próprio da linguagem humana significar a partir do jogo existente entre a dupla significância da língua, o semiótico e o semântico. No nível do discurso (modo semântico), o locutor apropria-se da língua e instaura nela a subjetividade, e, ao se propor como sujeito, é identificado como um membro da sociedade – e também da cultura – na qual está inserido, seja por meio de seu vocabulário inerente a determinada organização social e cultural, uma vez que esse detém o papel de representante da língua na relação *língua e sociedade*, seja em razão do fato de que toda vez que toma a palavra, o locutor é, ao mesmo tempo, uma realidade individual e coextensiva a toda coletividade.

Portanto, o sujeito sempre terá internalizado e utilizará os dois modos de significação da língua, uma vez que, para construir o seu discurso e reconhecer o significado dos signos que utilizará, ele precisa estar inserido no domínio do semiótico, para, então, estabelecer-se no modo semântico, utilizando a língua e enunciando. E é nesse sentido que analisamos neste trabalho os discursos de Leonel Brizola, buscando reconhecer o significado dos signos utilizados pelo político e compreender o todo, isso é, o discurso em sua totalidade, identificando qual o sentido que a união de cada um dos signos linguísticos utilizados por ele gerou no discurso.

4.2 A RELAÇÃO DE INTERPRETÂNCIA DA LÍNGUA

Saussure (2012) mostrou, em seu *Curso*, os princípios para o estudo da *semiologia*, com o intuito de introduzir a linguística no campo das ciências, afirmando que, pelo seu

desenvolvimento, “pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; [...]. Ela¹⁴ nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem” (2012, p. 47). O teórico relaciona essa nova ciência à linguística, a partir da concepção de que “a linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos” (2012, p. 48).

Dessa forma, Saussure apresenta indícios de que essa nova ciência possui maior abrangência do que a linguística, a qual está situada dentro do campo de estudo da Semiologia, afirmando que a natureza da língua oferece a condição mais adequada para solucionar o problema semiológico, isso é, do signo como parte da vida do sujeito em sociedade. Porém, antes da língua, não há possibilidade de significação, e, se a língua é o objeto de estudo da linguística, não há como existir semiologia anteriormente à linguística. Além disso, o linguista reconhece que, para o desenvolvimento da semiologia, ainda faltam aportes necessários e a realização de maiores pesquisas, a fim de então poderem responder o seu questionamento:

Por que não é essa ainda reconhecida como ciência autônoma, tendo, como qualquer outra, seu próprio objeto? É que rodamos em círculo; dum lado, nada mais adequado que a língua para fazer-nos compreender a natureza do problema semiológico; mas para formulá-lo convenientemente, necessário se faz estudar a língua em si; ora, até a língua sempre foi abordada em função de outra coisa, sob outros pontos de vista (SAUSSURE, 2012, p. 48).

Nos estudos de Benveniste, encontramos a possibilidade de preencher essa lacuna, com aquilo que o linguista da enunciação chama de *semiologia da língua*¹⁵. Assim, com o objetivo de introduzir a enunciação na ciência da linguagem, e tendo como intuito determinar as relações existentes entre os sistemas semiológicos e o sistema linguístico, o teórico elabora a tese da relação entre sistema interpretante (sistema linguístico) e sistema interpretado (outros sistemas), a qual denomina *relação de interpretância*, e Benveniste (1966/2006, p. 62) esclarece que, para esse tipo de relação,

[...] do ponto de vista da língua é a relação fundamental, aquela que divide os sistemas em sistemas que articulam, porque manifestam sua própria semiótica, e sistemas que são articulados e cuja semiótica não aparece senão através da matriz de uma modo de expressão. Pode-se assim introduzir e justificar que a língua é o interpretante de todos os sistemas semióticos. Nenhum outro sistema dispõe de uma “língua” na qual possa

¹⁴ A semiologia.

¹⁵ Conforme indica Flores (2013a, p. 153).

se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma.¹⁶

Infere-se, disso, que os signos da sociedade formam “sistemas interpretados” pelo “sistema interpretante”, que é a língua, ou seja, os signos da sociedade sempre pressupõem a língua, podendo então ser interpretados por ela, mas jamais ocorre o inverso. Tomando-se por base, então, a afirmação de Benveniste (1966/2006, p. 61) de que “a língua é o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não-linguísticos”, entende-se que, para que seja interpretado um sistema não-linguístico, faz-se necessário pedir “emprestada” a interpretação da língua, e esse sistema não pode existir senão através da semiologia da língua. O que permite a afirmação que, a partir da relação de interpretância, é a língua que torna a sociedade possível. Nesse sentido, Flores (2013a, p. 158) afirma que “a *semiologia da língua* seria exatamente decorrente da propriedade que tem a língua de interpretar-se e de interpretar os demais sistemas. Eis a *ultrapassagem* em relação a Saussure e ela não se dá como uma negação da linguística saussuriana, mas como a fundação de um outro campo: o da semiologia da língua”.

Nesse contexto, importante ponderar: como pode a língua ser considerada um sistema que se autossemiotiza e interpreta todos os outros sistemas? É aqui que se encontra o fundamento para a dupla significância da língua proposta por Benveniste, pois somente por meio de um sistema que, de forma simultânea, seja semiótico (estrutura formal) e semântico (funcionamento) é que a língua pode então interpretar a si e os demais sistemas existentes. Enquanto semântica, a língua se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada, e enquanto semiótica, a língua consiste de unidades distintas, que são os signos.

Em suas últimas aulas no Collège de France, Benveniste (1968 e 1969/2014) disserta sobre a autossemiotização da língua, ou seja, sobre a capacidade que a língua tem de definir e interpretar a ela mesma, e afirma que “a língua é o único sistema significativo que pode descrever a si mesmo em seus próprios termos. A propriedade metalinguística é própria à língua, pelo fato de ela ser o interpretante de todos os outros sistemas” (p. 155). Da mesma forma, em suas últimas aulas, o linguista afirma que a língua semiotiza tudo, “todo comportamento social, toda relação humana, toda relação econômica supõe ‘valores’ enunciados e ordenados pela língua”.

O privilégio da língua é de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Daí provém seu poder maior, o de criar *um segundo nível de enunciação*, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a

¹⁶ Os termos apresentados como “semióticos” na explicação sobre a relação de interpretância podem ser lidos e compreendidos como “semiológicos”, explicação apresentada por Valdir Flores do Nascimento em um seminário denominado *Tópicos Avançados: estudos enunciativos em Émile Benveniste*, ministrado na Universidade de Passo Fundo em março de 2017.

significância. É nesta faculdade *metalinguística* que encontramos a origem da relação de *interpretância* pela qual a língua engloba os outros sistemas (BENVENISTE, 1969/2006, p. 66)

A relação de interpretância proposta por Émile Benveniste somente é possível a partir da dupla significância da língua, uma vez que, para poder interpretar outros sistemas, assim como para poder interpretar a si mesma, a língua exige que os signos linguísticos utilizados na descrição de determinado sistema sejam reconhecidos por meio do domínio do modo semiótico, e também que o discurso criado através do uso da língua seja compreendido, por meio do domínio do modo semântico. Assim, a língua pode interpretar todos os outros sistemas, sejam eles linguísticos ou não, através das formas linguísticas e do sentido existente nos discursos que permeiam esse sistema, fato que faz com que a língua seja o mais importante de todos os sistemas existentes, pois eles só passam a ter sentido a partir das descrições linguísticas.

Nesse percurso, uma vez postos os fundamentos conceituais de nossa investigação a respeito da *forma-sentido* em cada um dos domínios de sentido da língua (semiótico x semântico) e evidenciado o papel fundamental da relação de interpretância na compreensão da relação entre dois sistemas – língua, sistema interpretante; sociedade, sistema interpretado –, apresentamos a seguir um quadro síntese dos principais conceitos e fundamentos teóricos apresentados neste capítulo.

Quadro 4 - Síntese dos principais conceitos e fundamentos teóricos discutidos no Capítulo 4

- 1) O modo semiótico, que é próprio do signo linguístico, é considerado enquanto unidade ou elemento do sistema da língua, e trata da descrição de suas marcas distintivas. Esse modo tem como forma o *significante* do signo, e como sentido, o *significado*.
- 2) O modo semântico é engendrado pelo discurso, ou seja, pela língua em funcionamento, enquanto produtora de enunciação. A forma do modo semântico é a *palavra*, e o sentido desse modo é a *frase*.
- 3) Os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, jamais o inverso. A língua será então “o interpretante da sociedade”.
- 4) A língua, ao englobar a sociedade, instaura o que Benveniste chama de *semantismo social*, que permite à língua, quando em funcionamento, revelar, no ato enunciativo, a variação da referência na estabilidade da significação, isso é, de acordo com a sociedade na qual está inserido, o sujeito irá compreender e dar significados específicos ao que lhe foi dito.

- 5) A relação de interpretância consiste na capacidade de um sistema interpretante (sistema linguístico) analisar um sistema interpretado (outros sistemas).
- 6) Somente por um sistema que, de forma simultânea, seja semiótico (formas) e semântico (sentido) é que a língua pode interpretar a si e aos demais sistemas existentes.

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Elucidados os princípios teóricos que nos possibilitam analisar o semantismo social presente nos discursos de Leonel de Moura Brizola, a partir da relação língua e sociedade, cabe aqui fazermos uma retomada dos principais conceitos que nos levam à descoberta do objetivo principal deste estudo, que é compreender como Brizola, por meio de seus discursos, no âmbito do discurso político, se comunicava e atingia seus interlocutores por intermédio das formas peculiares que utilizava em sua fala, mostrando, em suas palavras, quais eram suas crenças, objetivos e insatisfações e revelando a cultura na qual se inseria. Portanto, analisando os discursos com base no nosso principal objetivo, podemos conceituar o semantismo social citado por Émile Benveniste, na relação existente entre *língua e sociedade*.

Benveniste mostra que a enunciação vai além do “colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1970/2006, p.82), pois em todo enunciado sempre estão situados fatos culturais e sociais. Sendo assim, toda vez que se apropria da língua para enunciar, o homem traz em sua fala vivências da cultura e da sociedade na qual está inserido, o que aponta diretamente para a *antropologia da enunciação*. Isso é, toda vez que o homem se torna locutor se dirige a alguém, toda sua fala tem como intuito, direta ou indiretamente, transmitir uma mensagem, o que ocorre de acordo com as vivências que tem. O interlocutor, por sua vez, deve reconhecer, compreender, re-criar sentido e referência ao que lhe está sendo dito, o que também vai ocorrer de acordo com a cultura à qual pertence.

Para que aconteça a comunicação, é necessário, portanto, que haja um locutor (pessoa subjetiva / *eu*), e um interlocutor (pessoa não-subjetiva / *tu*), visto que não há a existência de um homem reduzido a si mesmo, sem conceber a experiência do outro, uma vez que “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (BENVENISTE, 1958/2005, p 285). Dessa forma, é somente através dessa troca da linguagem entre os homens, ou seja, através da *intersubjetividade*, que o homem passa a, de fato, existir.

E é por meio dessa troca existente entre os homens através da linguagem que nos dedicamos a analisar, neste estudo, o *discurso político*, este que não se trata de um gênero

determinado com características e especificidades próprias, mas sim de “uma classe de gêneros definidos por um domínio social” (VAN DIJK, 2001, p.1). Tal discurso somente se concretiza via intersubjetividade, pois sua ocorrência depende, obrigatoriamente, da presença de um locutor (o político) e de um ou mais interlocutores (eleitores ou a sociedade como um todo).

E é nesse sentido que analisamos neste trabalho como Leonel Brizola, enquanto o *eu* da enunciação, se relacionava com seus parceiros de troca discursiva (eleitores e sociedade em geral). Olhamos, ainda, para o modo como, a partir das formas linguísticas que escolhia, com palavras carregadas de regionalismos gaúchos e ironias e com várias metáforas, mostrava suas crenças, seus pontos de vista sobre as mais diversas situações e suas insatisfações.

Nesse sentido, buscamos analisar o discurso político, que faz parte das ciências sociais, através dos fundamentos teóricos expostos por Benveniste acerca da linguagem, sob os princípios da antropologia da enunciação, e do axioma dos estudos benvenistianos *o homem na língua*, mostrando que “o homem está na língua – se marca na língua, se singulariza na língua, se propõe como sujeito na língua – porque é fundado simbolicamente na linguagem” (FLORES, 2013a, p. 44). Ancoramo-nos, para isso, no fato de que os estudos de Émile Benveniste vão muito além de análises que ficam restritas às dêixis enunciativas (pessoa, espaço e tempo), podendo ser usada sua teoria para a realização de análises nos mais diversos campos da linguagem, inclusive, como fazemos neste estudo, para a análise do discurso político.

Neste estudo, nos propomos a analisar a relação *língua e sociedade*, mostrando que estas são interdependentes, visto que uma depende da outra para que possam existir, pois, como afirma Benveniste (1963/2005, p. 31), “língua e sociedade não se concebem uma sem a outra”, o que podemos concluir a partir do fato de que o homem se torna o sujeito falante ao se apropriar da língua, sendo, assim, o elemento constitutivo da enunciação. Ainda, o fato de que o homem precisa se comunicar com outros homens o torna também membro de uma sociedade, e, toda vez que toma a palavra, como locutor, ele é, ao mesmo tempo, uma realidade individual e pertencente à coletividade, o que significa que ele somente consegue se mostrar como membro de uma determinada sociedade no momento em que se apropria da língua.

O homem somente pode ser esclarecido enquanto ser situado na e constitutivo da relação língua e sociedade através de suas relações inter-humanas, ou seja, da intersubjetividade encontrada na linguagem, pois é na prática social, comum ao exercício da língua, que ele pode ser desvendado.

Para que a comunicação seja executada com êxito, é necessário que se reconheça, pelos falantes, a relação entre a *forma* e o *sentido*, nos dois domínios de sentido da língua, sendo eles:

a) O domínio do *modo semiótico*, que tem como critério que se possa identificar no interior da língua o que está sendo dito, pois “cada signo entra numa rede de relações e de oposições com outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua” (BENVENISTE, 1966/2006, p. 227). Assim, a *forma*, no modo semiótico, diz respeito ao significante, isso é, ao aspecto formal do signo, e o *sentido* diz respeito às relações de oposição com outros signos. Dessa forma, enquanto semiótica, a língua é independente de toda referência, formada de signos sem história e sem contexto, cujo sentido é fechado sobre si mesmo, e ela precisa ser identificada, reconhecida pelo interlocutor.

b) o domínio do *modo semântico* resulta da atividade do locutor em relação à língua, no momento em que nela o sujeito falante se insere e realiza desde a menor unidade semântica, que é a palavra (não mais enquanto signo ou valores), até um discurso em sua totalidade. Assim, a *forma* no modo semântico diz respeito à organização sintagmática, isso é, às combinações lexicais realizadas pelo falante ao utilizar a língua. Nesse modo, a língua precisa ser compreendida pelo interlocutor para que a comunicação ocorra como planejada pelo locutor.

Para que se possa compreender a relação língua e sociedade, é necessário que usemos, em nossa análise, como princípio fundamental, a *relação de interpretância* proposta por Benveniste, que visa analisar o modo como um sistema interpretante – a língua – reconhece e define o sistema interpretado – a sociedade.

Diante de todos os princípios aqui postos, podemos chegar ao que buscamos desvelar, o *semantismo social*, que permite à língua, quando em funcionamento no ato enunciativo, revelar “a variação da referência na estabilidade da significação” (BENVENISTE, 1968/2006, p. 100), isso é, de acordo com a sociedade na qual o sujeito está inserido, ele irá compreender e dar significados específicos à mensagem que lhe foi transmitida, e é justamente sobre a maneira como Leonel de Moura Brizola se reportava à sociedade por meio de seus discursos, diante das mais diversas situações, que visamos compreender como o semantismo social se revelava em seus discursos.

Estando agora realizada a síntese de todos os princípios e teorias desenvolvidos neste trabalho, dedicamo-nos à reflexão acerca da metodologia que utilizamos na análise dos discursos de Leonel Brizola, apresentando quais são os princípios teóricos encontrados na obra de Benveniste que são essenciais para a realização da análise.

5 UMA METODOLOGIA PARA O ESTUDO DOS SISTEMAS DE SIGNOS NA VIDA SOCIAL

Conforme Gil (1999, p. 26), uma investigação científica depende de um “conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos para que os objetivos propostos de um estudo sejam atingidos”, portanto, é necessário determinar etapas e procedimentos para a realização de uma análise. Nesse mesmo sentido, Padarov e Freitas (2013, p. 14) mostram a importância da metodologia em um estudo científico, uma vez que essa, “em um nível aplicado, examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas e/ou questões de investigação”. Assim, para a concretização deste estudo, enumeramos determinados procedimentos de análise que vão ao encontro do nosso objetivo principal, que é desvendar o semantismo social presente nos discursos de Leonel de Moura Brizola, a partir da relação língua e sociedade, a fim de determinar a maneira como os sujeitos *eu* e *tu* se relacionam, pela perspectiva do discurso político, analisando as formas linguísticas que o político em questão utilizava para dirigir-se aos seus interlocutores.

Quanto à natureza deste estudo, ela é, do ponto de vista dos *objetivos*, em um primeiro momento, de caráter exploratório, pois são analisados aqui discursos já proferidos por Brizola englobando a teoria que fundamenta este trabalho. Em um segundo momento, esta pesquisa é de caráter descritivo, pois discutimos quais palavras e formas utilizadas pelo político em questão revelavam o semantismo social em seus pronunciamentos.

Quanto aos *procedimentos*, a pesquisa é bibliográfica, pois conta com um estudo das obras de Émile Benveniste – *Problemas de Linguística Geral I* (2005) e *Problemas de Linguística Geral II* (2006) – no que diz respeito, principalmente, à relação existente entre língua e sociedade, e também com o fim de definir a expressão *semantismo social*, buscando, para tal, em outros textos do autor – além daquele no qual ele apresenta a expressão –, indícios sobre o que seria esse conceito.

Ainda quanto aos procedimentos, este estudo também é de caráter documental, pois os discursos de Leonel Brizola são encontrados em documentos fechados, como, por exemplo, no Arquivo Histórico Regional (AHR) da Universidade de Passo Fundo, onde encontramos algumas obras antigas que trazem alguns desses discursos, bem como no site da Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul. Os discursos analisados são aqueles que Brizola realizou entre o ano de 1964, quando voltou do exílio no Uruguai, e 2004, ano de sua morte. A

primeira fase da vida pública e política de Leonel Brizola, anterior ao regime militar, quando ele era filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), não é considerada nesta pesquisa.

Quanto à *abordagem do problema*, esta pesquisa se consolida como sendo qualitativa, pois busca analisar o conteúdo que está sendo pesquisado a fim de compreender e descrever como as respostas obtidas ao longo da pesquisa respondem ao problema inicial, sem a utilização de dados numéricos e a quantificação de valores.

Para que possamos realizar uma análise do semantismo social presente no discurso de Leonel Brizola por meio das formas linguísticas, encontramos a necessidade de definir, enquanto aspectos metodológicos, alguns princípios teóricos dos estudos de Émile Benveniste, registrados nos capítulos iniciais deste trabalho. Para dar conta da análise semiológica que aqui fazemos, utilizamos as proposições de Flores (2013a, p. 151) no que diz respeito às duas principais exigências metodológicas quanto às análises que seguem esse caráter, sendo elas: “a) as relações entre sistemas semióticos são de natureza semiótica, isto é, elas têm uma determinação cultural; b) deve-se sempre ver se um sistema pode se autointerpretar ou se deve receber interpretação de outro sistema”.

Dessa forma, entre os princípios metodológicos que encontramos na obra de Benveniste para a realização da análise, em primeiro lugar, temos o axioma que deriva dos estudos do linguista, *o homem na língua*, que nos mostra o caminho para responder às questões que queremos desvendar, uma vez que esse axioma revela a experiência de apropriação da língua a partir das relações sociais e culturais nas quais está inserido o homem. Portanto, através da apropriação que o homem Leonel Brizola faz da língua e com base no modo como a utiliza para enunciar suas ideias, seus pensamentos e suas crenças, buscamos desvendá-lo enquanto ser pertencente a uma determinada cultura.

Consideramos também fundamental para a realização da análise o princípio da *intersubjetividade*, que mostra que o que encontramos no mundo é “um homem falando com outro homem” (BENVENISTE, 1958/2005, p. 285), isso é, para que possa de fato haver a comunicação linguística ou o diálogo, um *eu* sempre estará se dirigindo a um *tu*, e somente a partir dessa troca enunciativa podemos reconhecer os homens enquanto seres sociais e identificar seus valores culturais. Analisamos, portanto, a forma como Leonel Brizola utilizava as palavras enquanto locutor para atingir aqueles a quem ele se dirigia.

Como aspecto crucial para nossa análise, temos também o fato de que a língua se relaciona com todos os outros sistemas, pela *relação de interpretância*, logo, a língua contém a sociedade, uma vez que os signos da sociedade formam “sistemas interpretados” pelo “sistema interpretante”, que é a língua, ou seja, os signos da sociedade sempre pressupõem a língua,

podendo então ser interpretados por ela. Buscamos, nessa direção, entender como a língua é capaz de interpretar e definir os valores culturais de um homem e de uma sociedade em geral e compreender que tais valores são impressos a partir dela, por meio de categorizações de aspectos presentes nos discursos.

Seguimos, ao longo de nossa análise, utilizando os princípios metodológicos expostos por Flores (2013a, p. 152), com base nos PLG, que derivam dos estudos benvenistianos sobre a língua ser uma grande organização semiótica, quais sejam:

- 1º. ela se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada; falar, é sempre falar-de;
- 2º. ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo;
- 3º. ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade;
- 4º. ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva (PLG II: 63).

Nesse sentido, para a análise, elegemos, com base nos principais princípios teóricos que citamos, duas categorizações: *a categorização do locutor e do alocutário*, a partir das quais são identificados o locutor e o(s) interlocutor(es) do discurso analisado, apresentando qual o papel enunciativo de cada um deles perante tal discurso; e analisamos também *a categorização dos eventos*, a partir da qual mostramos qual o momento histórico em que cada discurso estava sendo proferido, bem como quais os acontecimentos a que o discurso analisado faz referência. Ambas as categorizações analisadas são provenientes da relação de interpretância da língua, pois é somente a partir dela que podemos compreender todos os demais sistemas, conforme afirma Benveniste (1969/2006 p.62) ao citar que “nenhum outro sistema dispõe de uma ‘língua’ na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto que a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive a si mesma”. Portanto, se buscamos compreender o semantismo social presente nos discursos de Leonel Brizola, é imprescindível que usemos a relação de interpretância como norteadora para análise.

Para desvendarmos como o semantismo social se manifesta nos discursos de Leonel Brizola, analisamos as formas utilizadas pelo político em seus discursos, buscando entender o sentido de cada uma delas diante do momento e dos acontecimentos que embasaram cada discurso analisado. Somente por intermédio das formas, tanto no modo semiótico (significante do signo linguístico) quanto no modo semântico (palavra), é que podemos reconhecer e compreender a mensagem que Brizola pretendia transmitir aos seus interlocutores, sendo essa, muitas vezes, repleta de ironias e metáforas.

Como *corpus* de análise, utilizamos discursos e pronunciamentos de Leonel de Moura Brizola após sua volta do exílio no Uruguai e após o político fundar o PDT, portanto, todos os

discursos analisados são posteriores ao ano de 1980. A escolha ocorreu pelo fato de serem discursos mais atuais dentre os inúmeros proferidos pelo político ao longo de seus 53 anos na carreira política, e, também, por serem difundidos frequentemente em compartilhamentos na rede social *Facebook*. Importante registrar, no entanto, que alguns discursos não estão disponíveis em sua totalidade, pois foram divulgados apenas parte deles em vídeos ou nas publicações de onde foram retirados.

É a partir desses princípios que, tendo como principal categoria de análise as formas que Leonel Brizola utilizava em seus discursos e pronunciamentos, buscamos desvendar o semantismo social constitutivo de seu dizer.

Os discursos que analisamos encontram-se nos anexos deste trabalho, sendo eles:

- a) Discurso realizado no Dia Mundial da Juventude, em 31 de março de 2004 (Anexo A);
- b) Discurso em direito de resposta constitucional na TV Globo, em 15 de março de 1994 (Anexo B);
- c) Trecho do livro *O que pensam os presidentiáveis: Brizola*, encontrado no ARH da Universidade de Passo Fundo, a respeito da criação dos CIEPs (Anexo C);
- d) Discurso publicado nos jornais *O Globo* e *O Dia*, em 30 de setembro de 2001, sobre a política da época (Anexo D).

6 O SEMANTISMO SOCIAL: ANÁLISE DOS DISCURSOS DE LEONEL BRIZOLA

Apresentamos aqui a análise dos discursos proferidos por Leonel Brizola, considerando os princípios metodológicos descritos na seção anterior. Organizamos a análise a partir do princípio que, em nossa interpretação, move os demais: a interpretância da língua em relação aos demais sistemas. A partir dessa relação semiológica é que mobilizamos o axioma que deriva dos estudos de Benveniste *o homem na língua* e o princípio da intersubjetividade.

Optamos por apresentar uma breve descrição da situação enunciativa que marca cada discurso analisado, como forma de melhor compreendermos as referências e os elementos mobilizados no discurso político, e, principalmente porque se nosso propósito é analisar o semantismo social presente nos discursos de Leonel de Moura Brizola, a partir da relação língua e sociedade, faz-se necessário olhar também para fora do discurso produzido, para seu entorno social no ato de sua produção. Conforme Benveniste (1969/2006, p. 63), “falar é sempre falar de”, numa referência a “uma situação dada”.

Além disso, Benveniste (1969/2006, p. 62) afirma, como já citado, que “a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma”. Baseados nessa afirmação, elegemos a noção de categorização, relacionada à de interpretância, como condutora de nossa análise.

Análise 1: Discurso realizado no Dia Mundial da Juventude, em 31 de março de 2004 (Anexo A)

Descrição: O discurso foi realizado no Dia Mundial da Juventude, portanto, para a população jovem. Em sua fala, Brizola diz aos jovens que eles são o futuro do Brasil, e critica os políticos que estão no governo, afirmando que o cenário político e a vida dos jovens brasileiros só podem ser mudados pela força e união da juventude.

a) Relação de interpretância: a categorização do locutor e do alocutário

Nesse discurso, Brizola mobiliza todas as pessoas alcançadas pela língua. No início do discurso, já conhecemos o *tu* a quem o político se dirige, os jovens do país (linha 1), e o sujeito *eu*, pessoa que fala, se transforma em não-pessoa nesse discurso, uma vez que Brizola dirige-se a si mesmo como *ele*, como se estivesse falando do outro, como vemos nas linhas 3-5: “quem vos diz é o Leonel Brizola que não quer nada para ele”. Conforme Dufour (2000), *ele* designa

o que não está aqui e agora quando *eu* e *tu* falam; refere-se, portanto, à ausência, uma ausência representada no campo da presença. Assim, Brizola falava do outro para citar a si próprio.

E continua: “Que tem os seus cabelos brancos, este homem que não está em busca de nada para si”. Dessa forma, o político se mostra no outro, se colocando fora do grupo que quer a mudança para o país, e mostrando sua pessoa como um cidadão comum e que acredita nos jovens.

É também citado no discurso o pronome “eles”, quando Brizola se refere aos políticos brasileiros, conforme linhas 6-7: “Essas gerações de políticos estão perdidas, não esperem nada dessas gerações de política, dessas gerações políticas que estão aí, *eles* não só porque não querem...”. Ele também utiliza em seu discurso o pronome “eu”, para se referir ao que deseja naquele momento, tornando-se então o sujeito da enunciação: “A vocês *eu* deixo aqui esta minha mensagem” (linha 16), alternando imediatamente para o pronome “nós”, como podemos ver nas linhas 16-18: “nós queremos que o futuro seja de vocês. Nós queremos mais, nós queremos que o presente, o próprio presente, já seja de vocês”. Nesse trecho, Brizola utiliza o pronome “nós” por três vezes, porém, na enunciação, tudo é irrepetível, portanto, embora ele repita a forma, o sentido ao qual ele se refere a cada vez que repete o pronome não é o mesmo, podendo ele estar se referindo a “nós” enquanto as pessoas que estavam ali reunidas, “nós” para se referir aos políticos brasileiros, e “nós” enquanto cidadãos brasileiros, englobando toda a população.

Quanto à oposição jovem x velho, Brizola faz referência em dois momentos de seu discurso. Em contraponto à idade da população à qual ele se refere, Brizola repete duas vezes (linhas 4 e 12) que está idoso, e que a mudança e a luta por um país melhor deverá partir dos jovens, não mais de suas lutas, ao afirmar que está “encanecido” e de “cabelos brancos”. O termo encanecido, que atualmente é pouco utilizado, deriva, segundo o dicionário Aurélio, do verbo encanecer, que significa “criar cãs”. Os cãs tipificam os cabelos esbranquiçados aos quais o político se refere no mesmo discurso e remetem à passagem bíblica Levítico 19:32, que diz que “Diante dos cãs te levantarás, e honrarás a face do ancião”, o que indica que os jovens precisam ter respeito e seguir os ensinamentos das pessoas mais velhas, que possuem cabelos brancos, tal como Brizola indicava que os jovens fizessem, que o escutassem e seguissem seu conselho de lutar para mudar a realidade do país. Nesse caso, ao empregar a forma da língua convertida em palavras no discurso, Brizola traz o semantismo que envolve sua fala, expondo a autoridade bíblica, mostrando aos jovens que ali estavam quais eram os valores que deveriam ser seguidos.

Nesse discurso, percebemos o *eu* insatisfeito com a realidade brasileira da época, bem como com os políticos que estavam no poder, tanto por falta de vontade desses quanto pela falta de oportunidades, “meios e possibilidades” (linha 9), de fazer um país diferente, portanto, ele mostra a seus interlocutores, o *tu* enunciativo, que tem a crença de que somente a força dos jovens pode mudar tal situação.

b) Relação de interpretância: a categorização dos eventos

Segundo Benveniste (1968/2006, p. 100), “os testemunhos que a língua dá desse ponto de vista (da faculdade semântica) só adquirem seu valor se forem ligados entre eles e coordenados à sua referência”, portanto, ao citar, nas linhas 12-14, as vanguardas – “nessas vanguardas, em geral, as vanguardas transformadoras da humanidade foram sempre constituídas pela energia dos jovens” –, Brizola possivelmente faz referência a manifestações populares que foram lideradas pela população jovem, tais como *a Revolta da Vacina* (1904) que teve como frente, juntamente com os militares, os alunos da Escola Militar da Praia Vermelha; *a Passeata dos 100 mil* (1968), comandada pelo movimento estudantil, contando com a participação de artistas, intelectuais, setores da Igreja e outros membros da sociedade; *Diretas Já* (1984), que teve como liderança a União Nacional dos Estudantes (UNE) e sindicatos como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), além de intelectuais, artistas e religiosos; e o *Impeachment do presidente Collor* (1992), que teve o movimento “caras pintadas”, liderado pelos jovens. Em algumas destas manifestações, Leonel Brizola estava presente¹⁷.

Conforme Benveniste (1968/2006, p. 101), é “a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação”, dessa forma, compreendemos que, a partir desse discurso de Brizola, há duas categorias manifestas de sociedade que se materializam na interpretância da língua: a força jovem, representativa do *tu* da enunciação, e o homem mais velho, mais experiente, momento em que o *eu* enunciativo se inclui em sua fala e faz referência a si mesmo.

¹⁷ As manifestações citadas podem ser encontradas no site Guia do Estudante. Disponível em < <http://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/relembre-manifestacoes-populares-que-marcaram-a-historia-do-brasil/> >

Considerando que a língua ao englobar e interpretar a sociedade, instaura o semantismo social, compreendemos que, a partir desse discurso, Brizola utiliza suas palavras para mostrar aos jovens que eles são o futuro do país, e que precisam lutar contra aquilo que não os contenta, nesse caso, a política brasileira. Os jovens, ao receberem as palavras de Leonel Brizola, mostram (conforme o vídeo do discurso) que compreenderam a mensagem que estava sendo transmitida a eles, e demonstram, como retorno ao *eu* enunciativo, exaltação de forma entusiasmada às palavras do político. Assim, o *tu* enunciativo deu significado e referência àquilo que lhe foi enunciado.

Em relação às funções inter-humanas do discurso, temos aqui um caso de *asserção*, que, conforme Benveniste (1970/2006, p. 86), “visa a comunicar uma certeza, ela é a manifestação mais comum da presença do locutor na enunciação, ela tem mesmo instrumentos específicos que a exprimem ou a implicam, as palavras *sim* e *não* afirmando positivamente ou negativamente uma proposição”. E é isso que Brizola faz nesse discurso, pois afirma o tempo todo que os jovens são o futuro do país e que são os detentores do “saber fazer”, para melhorar a situação política do Brasil.

Brizola mostra, em seus discursos, todos os valores nos quais diz acreditar, se posicionando e mostrando em que cultura está inserido, utilizando formas linguísticas que simbolizam de forma significativa ao público que o escuta, fazendo com que seu discurso tenha sentido para aquelas pessoas.

Análise 2: Discurso em direito de resposta constitucional na TV Globo, em 15 de março de 1994 (Anexo B)

Descrição: No ano de 1992, Roberto Marinho – proprietário do Grupo Globo de 1925 até seu falecimento, em 2003 –, em um editorial no jornal “O Globo” e no noticiário Jornal Nacional, dirigiu-se ao então governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, chamando-lhe de senil. Tal atitude valeu um direito de resposta concedido pela Justiça a Brizola, a ser exibido no Jornal Nacional, que, na época, era o mais assistido do Brasil. A carta enviada por Brizola à TV Globo foi lida por Cid Moreira, então âncora do noticiário, somente dois anos após a data do editorial no qual Roberto Marinho se pronunciou, quando o Tribunal de Alçada Criminal do Rio de Janeiro, por unanimidade, confirmou sentença da 1ª instância, determinando que a Globo veiculasse no Jornal Nacional o direito de resposta.

a) Relação de interpretância: a categorização do locutor e do alocutário

Nesse discurso, Leonel Brizola não está dirigindo-se a uma única pessoa ou a um público determinado. Ele escreve uma carta para ser lida em um programa de televisão que estava sendo transmitido para os mais diversos públicos, as mais diversas culturas, portanto, ele utiliza todas as suas palavras na forma padrão culta da língua, sem utilizar formas coloquiais, o dialeto gaúcho, nem ironias, como costumava fazer na maioria de seus discursos.

Na primeira linha, já vemos um investimento na subjetividade marcada no discurso: “Todos sabem que eu, Leonel Brizola, só posso ocupar espaço na Globo quando amparado pela Justiça” (linha 1), e toda a carta é escrita em primeira pessoa, portanto, ao longo de todo o discurso, as escolhas lexicais permitem que sejam percebidos os valores, as opiniões e as crenças do sujeito enunciador.

Mesmo não se dirigindo a um tu específico em seu texto, Leonel Brizola, enquanto sujeito da enunciação, tem como principal intenção direcionar-se a Roberto Marinho e à TV Globo, em nome do proprietário da emissora, contudo, ao dirigir suas palavras e sua fala para atingir quem ele pretendia, Brizola refere-se a “ele/ela”, transformando seu principal interlocutor em não-pessoa, como podemos ver nas linhas 5-6: “Ora, tenho 70 anos, 16 a menos que o meu difamador, Roberto Marinho, que tem 86 anos”; e nas linhas 7-8: “Não reconheço à Globo autoridade em matéria de liberdade de imprensa (...)”. E durante todo o discurso é dessa forma que Brizola refere-se a quem quer atingir, o que o distancia de uma forma de provocação a uma única pessoa e o caracteriza como alguém que quer denunciar algo.

Por estar em uma rede nacional e atingir um público multicultural, Brizola foi minuciosamente cuidadoso nas palavras de sua carta, utilizando termos e construções formais e complexas, pois, conforme já citamos, no discurso político, assim como no discurso religioso, é necessário utilizar a interdição das palavras, o que nesse caso se efetiva principalmente em razão de que, na época desse discurso, a Rede Globo representava autoridade e se constituía como uma importante formadora de opinião. Algumas construções lexicais podem não ser aceitas por determinadas culturas, e, nesse discurso, Leonel Brizola está sendo irônico, provocativo e até mesmo agressivo, o que poderia repercutir de forma polêmica se utilizasse palavras coloquiais, então, em determinados momentos, ele usa expressões que manifestam sua revolta contra seu agressor de tal forma que não pudesse ser rejeitado pelo público que assistia seu direito de resposta.

Como já citamos, o principal objetivo dessa carta em direito de resposta à TV Globo era atingir Roberto Marinho, como a personificação da emissora a quem o político faz acusações,

principalmente no que se refere ao poder de manipulação da emissora e à corrupção. Em momento algum, contudo, o termo “corrupção” é mencionado, sendo utilizadas outras formas pelo locutor para denunciar tal ato, como podemos ver nas linhas 34-35: “É compreensível: quem sempre viveu de concessões e favores do Poder Público não é capaz de ver nos outros senão os vícios que carrega em si mesmo”.

A referência à não-pessoa (*ele*) não ocorre somente ao se referir àqueles que o locutor pretende atingir, mas também quando faz uma espécie de chamamento, mesmo que indiretamente, ao público que assiste ao noticiário onde está sendo transmitida a carta: “Que o povo brasileiro faça o seu julgamento (...)” (linha 36). Nesse momento, o locutor opta por usar *ele* (povo brasileiro), buscando atingir a todos os cidadãos do país. Caso fizesse referência ao *tu* (pessoas que estavam assistindo ao jornal), através do uso de “você” ou “vocês”, o locutor estaria pedindo que apenas os telespectadores que estavam acompanhando o noticiário naquele momento julgassem o ocorrido, portanto, ele escolhe utilizar a convocação à não-pessoa para atingir um público maior. Na continuação desse trecho, Leonel Brizola mostra os valores que acredita pertencerem a si próprio e os que atribui à TV Globo: “e na sua consciência lúcida e honrada separe os que são dignos e coerentes daqueles que sempre foram servís, gananciosos e interesseiros” (linhas 36-38).

b) Relação de interpretação: a categorização dos eventos

A linguagem, conforme salientamos anteriormente, tem a faculdade de *simbolizar*, isso é, de dissociar o objeto concreto da representação que dele fazem os sujeitos, criando então uma representação para aquilo que é enunciado. Dessa forma, aquele que está recebendo a mensagem precisa reconhecer, compreender e dar sentido ao que lhe é exposto. Nesse sentido, vemos nesse discurso de Leonel Brizola alguns acontecimentos que foram causadores de conflitos entre ele e a TV Globo, e, conforme são descritos, o interlocutor cria determinadas referências a concepções desses acontecimentos.

Primeiramente, vemos a descrição que o locutor faz com referência ao modo como a TV o concebe: “Aqui cita o meu nome para ser intrigado, desmerecido e achincalhado, perante o povo brasileiro” (linhas 2-3). Nesse trecho, há três adjetivos de caráter ofensivo, e o locutor se mostra descontente perante tais representações a ele direcionadas, e continua: “Quinta-feira, neste mesmo Jornal Nacional, a pretexto de citar editorial de *O Globo*, fui acusado na minha honra e, pior, apontado como alguém de mente senil. Ora, tenho 70 anos, 16 a menos que o meu difamador, Roberto Marinho, que tem 86 anos. Se é esse o conceito que tem sobre os homens

de cabelos brancos, que os use para si” (linhas 3-7). Insatisfeito com a acusação que lhe é direcionada, o locutor afirma que sua honra e como sua mente – acusada de ser senil – foram difamadas.

Como resposta às acusações, Brizola contesta o exercício do direito de liberdade de imprensa por parte da TV Globo, denunciando, de forma irônica, a relação da emissora com o regime militar: “Não reconheço à Globo autoridade em matéria de liberdade de imprensa, e basta para isso olhar a sua longa e cordial convivência com os regimes autoritários e com a ditadura de 20 anos, que dominou o nosso país” (linhas 7-10). Dessa forma, o locutor manifesta seu repúdio à emissora, que, em sua concepção, busca o direito à liberdade de imprensa, mas, quando em épocas de ditadura, colaborou com tal regime, que condenava manifestações públicas mediante veículos de informação.

O locutor continua seu discurso reforçando suas críticas à emissora, atribuindo-lhe, ainda que implicitamente, o caráter de mercenária, e revelando o motivo do confronto entre ele e a TV Globo: “É apenas o temor de perder o negócio bilionário, que para ela representa a transmissão do Carnaval. Dinheiro, acima de tudo” (linhas 13-15).

Em relação ao Carnaval, o locutor continua: “Em 83, quando construí a passarela, a Globo sabotou, boicou, não quis transmitir e tentou inviabilizar de todas as formas o ponto alto do Carnaval carioca” (linhas 16-17). Recorrendo a verbos que indicam depreciação (sabotar, boicotar, inviabilizar), o político denuncia o movimento contrário da emissora em relação às construções para o evento, realizadas no período em que foi governador do estado do Rio de Janeiro.

Além de denunciar a perseguição da emissora contra ele, o locutor acusa a Globo de ser, alguma forma, protegida: “Ninguém questiona o direito da Globo mostrar os problemas da cidade. Seria antes um dever para qualquer órgão de imprensa, dever que a Globo jamais cumpriu quando se encontravam no Palácio Guanabara governantes de sua predileção” (linhas 22-25). E afirma que a perseguição da emissora acontece perante aqueles que “não se vergam diante do seu poder”, isso é, que não se curvam, não se submetem ao que a Globo faz e diz, fazendo referência, nesse momento, ao “poder imperial” atribuído à emissora, com ironia, na linha 11.

E mesmo diante das denúncias e contestações, o locutor reconhece que a TV Globo é uma emissora poderosa e que possui um grande alcance de público, mas afirma que não é por esse motivo que ele irá se submeter às acusações que a ele são imputadas, conforme citado nas linhas 29-31: “Se eu tivesse as pretensões eleitoreiras, de que tentam me acusar, não estaria

aqui lutando contra um gigante como a Rede Globo. Faço-o porque não cheguei aos 70 anos de idade para ser um acomodado”.

Nesse direito de resposta, vemos claramente o homem relacionando-se com a sociedade, ao se dirigir a ela, mostrando, através das formas utilizadas em seu discurso, quais são seus valores e suas insatisfações, negando tudo aquilo que é dito sobre ele, afirmando não possuir as atribuições que a ele são conferidas, e declarando ser diferente daquilo que é dito sobre sua pessoa. O locutor se compromete ao expor seus pensamentos, e, nesse momento, revela sua visão sobre a língua e a cultura.

Novamente, vemos, enquanto relação inter-humana, a asserção, uma vez que a intenção do locutor é somente denunciar algo e exprimir suas ideias, visando comunicar uma certeza, afirmando uma proposição.

Análise 3: Trecho do livro *O que pensam os presidentiáveis: Brizola*, encontrado no ARH da Universidade de Passo Fundo, a respeito da criação dos CIEPs (ANEXO C)

Descrição: Essa entrevista foi realizada em 1989, gravada originalmente nos estúdios do Sistema Globo de Rádio, em São Paulo, e levada ao ar no mês de junho do mesmo ano, no Jornal da Excelsior. Todos os candidatos à presidência da República na eleição de 1989 foram entrevistados, e, posteriormente, foi lançado o livro *O que pensam os presidentiáveis*, que transcrevia as entrevistas realizadas com os candidatos. Escolhemos o trecho da entrevista em que Leonel Brizola responde sobre a construção dos CIEPs e sobre a importância da educação pela proximidade com a linha de pesquisa deste trabalho e com a área de atuação profissional da autora deste estudo.

a) Relação de interpretância: a categorização do locutor e do alocutário

Por se tratar de uma entrevista, encontramos nesse discurso uma forma de relação direta entre o *eu* (Leonel Brizola) e o *tu* (Renato Viegas – entrevistador), cuja relação inter-humana baseia-se na *interrogação*, por meio da qual o enunciador busca a interação de seu alocutário, pois, conforme Benveniste (1970/2006, p. 86), a interrogação “é uma enunciação construída para suscitar uma ‘resposta’, por um processo linguístico que é, ao mesmo tempo, um processo de comportamento em dupla entrada”. No encontro, o entrevistador pergunta a Leonel Brizola como a proposta da criação dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) contribuiria em nível social para o país, caso fosse eleito presidente.

Imediatamente, Brizola responde à pergunta usando o pronome “nós”, caracterizado como um *nós exclusivo*, visto que o locutor refere-se a *eu* (pessoa subjetiva) + *ele(s)* (não pessoa), pois entende-se que ele fala em nome do partido ou de seus companheiros de candidatura, e não somente em relação a ele mesmo, como podemos ver desde o início de seu discurso: “As nossas propostas em matéria de assistência e elevação do povo brasileiro se fundamentam sobre a educação. Nós achamos que nós, adultos, já somos árvores tortas” (linhas 6-8).

b) Relação de interpretância: a categorização dos eventos

Para responder à questão sobre a educação e a escolaridade, Brizola utiliza formas linguísticas que remetem à jardinagem, utilizando metáforas que compararam as pessoas a árvores, conforme linhas 7 -12: “Nós achamos que nós, adultos, já somos árvores tortas. Por mais que se trabalhe com uma boa poda, com escova de aço, nós sempre seremos árvores portadoras daquelas deformações que vêm do ambiente onde nos criamos e das oportunidades que tivemos. Agora, as crianças não. São mudinhas que nós podemos assistir para que se desenvolvam diferentes de nós, incomparavelmente superiores a nós”. Nesse trecho, fica evidente o otimismo do locutor em relação à evolução da pessoa quando munida de escolaridade. Fica evidenciada, ainda, sua percepção de que, diferentemente dos adultos, que já têm uma formação, as crianças podem se desenvolver plenamente através da educação.

No trecho acima citado, nos deparamos com o que Déssons (2006, p. 43) denomina como *antropologia do valor*, que é o aspecto “que torna indissociáveis o ato de comunicar e a elaboração de valores constitutivos da sociedade humana como fatos de cultura”. Assim, compreendemos a dimensão antropológica do discurso a partir da concepção de que *se o homem está na língua*, ao atualizá-la em discurso, os efeitos dessa presença mostram-se nessa atualização. Nesse sentido, podemos constatar que a metáfora utilizada pelo locutor fortalece a cultura que marca seu perfil e personalidade, uma cultura que considera que todas as crianças precisam estudar para se tornarem adultos de sucesso. Além disso, tal manifestação revela os valores que ele acredita que sejam pertinentes à sociedade da qual ele faz parte.

O locutor apresenta, nesse discurso, a ideia de que o desenvolvimento depende, principalmente, do ser humano, e não apenas da industrialização, como cita nas linhas 14-17: “Não é só financiar fábricas ou financiar agricultura o desenvolvimento econômico. É preciso financiar o ser humano, a formação do ser humano, dos recursos humanos, que vão atuar em tudo isto. Porque o desenvolvimento é obra humana”. O locutor enfatiza a palavra “humano”,

em sua variação para o gênero feminino, mostrando, em suas palavras, qual é sua crença em relação ao desenvolvimento econômico do país: “O desenvolvimento é obra humana – essencialmente quero insistir e reafirmar” (linhas 19-20), como ele mesmo cita.

Deixando de falar em nome de um grupo, como faz no início de seu discurso, o locutor torna-se o sujeito de sua enunciação ao afirmar, pelo pronome pessoal e pelo uso do verbo em primeira pessoa, as ações realizadas por ele: “No Rio Grande do Sul, como no Rio de Janeiro, esses dois governos exercidos por mim se caracterizam por essa prioridade. No Rio Grande do Sul, eu cheguei a fazer 6.300 escolas. Escolarizei todas as crianças” (linhas 20-22), mostrando as benfeitorias realizadas por ele, e, ao falar da proposta dos CIEPs, o locutor já cita novamente o pronome “nós”, “No Rio de Janeiro caracterizando a nossa ação pelos CIEPs. Agora, a nossa visão se resume no seguinte: primeiro nós dividimos em dois grandes campos a criança, na idade pré-escolar, dentre o ventre da mãe, aí começa a assistência à gestante”.

Ao terminar seu discurso, o pronome “nós” ainda é utilizado, contudo, aqui, há um *nós inclusivo*, pois trata-se da união do *eu* (pessoa subjetiva) + *tu/vós* (pessoa não subjetiva), quando cita que “nós nascemos com um computador extraordinariamente especializado na nossa cabeça. Só Deus sabe como é esse computador...” (linhas 31-33), e refere-se à não-pessoa “Deus” (*ele*).

Vemos claramente, nesse discurso, a relação do locutor com a cultura da escolarização, a qual ele considera ser de extrema importância para o desenvolvimento do ser humano, e assim, consequentemente, do desenvolvimento econômico do país.

Análise 4: Discurso publicado nos jornais *O Globo* e *O Dia*, em 30 de setembro de 2001 sobre a política da época (Anexo D)

Descrição: Insatisfeito com a forma como o país estava sendo governado pelo presidente daquela época, Fernando Henrique Cardoso, Leonel Brizola foi a público manifestar seu repúdio aos acontecimentos presidencialistas no país. E seu discurso foi, posteriormente, publicado nos jornais *O Globo* e *O Dia*.

Relação de interpretância: a categorização do locutor e do alocutário

Nesse discurso, Leonel Brizola expressa insatisfação em sua fala, e embora seja um discurso subjetivo, o pronome “eu” não é citado em nenhum momento, todavia, encontramos verbos na primeira pessoa do plural, passagens nas quais encontramos o *nós inclusivo*, pois ele

se refere a *eu + você(s)*, conforme linhas 2-3: “E, para fazê-la, precisamos identificar onde estão as fontes (...)”. Seu interlocutor não é uma pessoa definida, portanto, ele fala para a sociedade como um todo e sempre se refere à não-pessoa (*ele*) quando cita alguns políticos brasileiros.

b) Relação de interpretação: a categorização dos eventos

Aqui, o locutor mostra-se inteiramente insatisfeito com o poder presidencialista do país, fazendo acusações ao abuso de poder e à corrupção, porém, ele tinha plena consciência de que estava falando para várias pessoas, devendo então amenizar suas palavras ao tentar denunciar certos políticos, principalmente o então presidente Fernando Henrique Cardoso. Portanto, encontramos, nesse discurso, a interdição de palavras que podem não ser bem recebidas em determinadas culturas, tal como Benveniste (1966/2006) registra no texto *A eufemia e a blasfêmia*. É isso que Brizola faz quando compara, durante todo seu discurso, o então atual governo a um ambiente degradante, conforme vemos desde o início de sua manifestação: “Esta nação precisa, indispensavelmente, de uma limpeza em regra na sua vida política que transformou-se num verdadeiro lodaçal. E, para fazê-la, precisamos identificar onde estão as fontes podres deste ambiente degradante e pérfido que vem caracterizando estes tempos infames” (linhas 1-4). Vemos, nesse trecho, formas que remetem ao lixo e à sujeira (limpeza, fontes podres), ao barro (lodaçal), e à traição (degradante e pérfido).

Após tal citação, o locutor afirma quem é o responsável pelo ambiente desagradável ao qual se refere: “Quem achar que exagero, apenas leia os jornais. Num regime presidencialista como o nosso, a grande responsabilidade, a fonte maior de tudo é o próprio Presidente da República. O exemplo sempre vem de cima. Dali, do alto do poder, que se brota e se estimula o processo de degradação que atinge todos os níveis da vida pública” (linhas 4-8). Nesse momento, o locutor afirma que a falta de crescimento do país, ou a desordem que atinge a sociedade, é causada pela má administração do governo nacional, pois, em suas palavras, o exemplo vem de cima. Refere-se, então, à principal pessoa que ele quer atingir com sua fala, mas sem nomeá-lo.

E o locutor continua seu discurso fazendo menção ao descaso com o povo brasileiro por parte do presidente da República e afirmando que, para ele, somente o dinheiro interessa. Brizola faz isso usando termos e formas linguísticas formais: “Durante todo este nefasto período, governar tornou-se fazer negócios. Vender o patrimônio público, entregar nossas riquezas, oferecer despudoradamente as entranhas brasileiras aos negócios internacionais, concessões e benemerências a grupos privados, sem a segurança de que sequer venham a

investir aqui. O endividamento incontido tornou-se um garrote sobre nós” (linhas 9-13). Aqui, vemos também o locutor usando eufemismos e atenuando os termos que quer informar, citando palavras mais brandas, quando cita que a dívida do país “aperta” o povo brasileiro, e que o governo faz isso sem nenhuma forma de constrangimento, oferecendo a empresas e negócios internacionais até mesmo os órgãos e vísceras do povo em troca de serviços e dinheiro.

E o locutor acusa e responsabiliza o presidente com termos novamente atenuados por formas mais moderadas diante do caráter que tem seu discurso, como vemos nas linhas 15-19: “Estas foram as marcas deste Presidente e dos que com ele se entregaram ao triste papel de vendilhões do Brasil e algozes do povo brasileiro. E tudo isso por quê? Tudo em troca de permanecer no Governo, a única preocupação de um Presidente que, no fundo, ama apenas o poder e não seu país e o seu povo”.

Brizola reconhece que não é apenas culpa do então presidente a decadência do Brasil que ele tanto cita em seu discurso, mas que, como “o exemplo vem de cima”, a desonra com o povo brasileiro vai acontecendo também nos estados e municípios: “Este período de entrega do País, chegou ao máximo agora, mas vem desde Sarney, com aquelas palhaçadas de Cruzado e seus fiscais, dos confiscos de Collor, até o fiasco do Real. Porém, nada o simboliza melhor em Fernando Henrique Cardoso que o gesto infame da reeleição em causa própria. Este é o estigma daquele que traiu a tudo pela sua ambição desmedida. Ele é a marca de uma corrupção moral que contaminou toda a vida política e a administração pública como uma verdadeira praga. Governadores e prefeitos, na sua maioria, repetem em escala menor, os negócios desastrosos, o desprezo pelo povo e o continuísmo vergonhoso que veem ser praticados em Brasília” (linhas 20-28). Ao citar o presidente Fernando Henrique Cardoso, o locutor o culpa de estar influenciando outros políticos a governarem da mesma forma, considerando que o poder está acima de tudo, inclusive do povo que ele deveria prezar.

Ao final de seu discurso, o locutor volta na linha de raciocínio que marca o início de sua fala, usando termos que se referem à “limpeza”, como forma de melhorar a situação do país, como vemos nas linhas 29-34: “Por tudo isso, [para] sanear a vida pública deste país é preciso que estas eleições do ano que vem – por toda a parte a começar de cima, da Presidência da República – sejam a oportunidade do povo brasileiro varrer da política brasileira toda esta camada de gente. Eles nada mais têm a nos dar senão infortúnios e degradação em todos os aspectos da vida nacional. E são eles que, com o lodaçal da política, alimentam os que fazem a rapina do Brasil e dos frutos do trabalho do povo brasileiro”.

Assim, se, como vimos, Benveniste (1966/2006) refere-se a *língua e sociedade* em uma relação semiológica, ou seja, a vida dos signos é concebida no seio da vida social, nesse

discurso, Brizola utiliza-se de formas linguísticas que denunciam a presidência do país, transmitindo à sociedade sua insatisfação ao comparar o governo com um “lodaçal”, algo ruim, que precisa ser retirado do ambiente em que se encontra para se encontrar em pleno “saneamento”.

Ao analisarmos os quatro discursos de Leonel Brizola, entendemos como a língua pode ser reveladora das relações sociais do homem, a partir da cultura na qual ele está inserido, evidenciando a indissociabilidade entre homem, linguagem e cultura. Nesses discursos, é possível compreender que o homem Leonel Brizola, dotado de linguagem, apropriava-se da língua, através de formas peculiares, carregadas de simbolismo, e demonstrava saber o momento de utilizar eufemismos e de substituir palavras que poderiam prejudicá-lo por outras mais brandas. Além disso, suas escolhas linguísticas permitem que sejam reconhecidos seu ponto de vista e suas crenças, e, conseqüentemente, a cultura da qual ele fazia parte.

Sabe-se que, em toda enunciação, estão situados fatos culturais e sociais, dessa forma, compreendemos o homem Leonel Brizola como pertencente a uma cultura que valoriza a justiça, a escolarização, o povo brasileiro e a qualidade de vida humana. Por meio da língua, Brizola transmitia ao povo brasileiro todos os valores que acreditava, sendo, muitas vezes, provocativo e irônico, o que fazia com que, por vezes, fosse idolatrado, por outras, repudiado.

Em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, Benveniste (1968/2006, p. 102) chama atenção para o fato de que “cada classe social se apropria dos termos gerais, atribui a elas referências específicas e os adapta assim à sua própria esfera de interesse e frequentemente os constitui com base em derivação nova”, assim, considerando que em uma sociedade há diversas culturas distintas, cada pessoa ou povo pertencente a determinada cultura é capaz de compreender e dar significados específicos ao que foi dito pelo político, aceitando suas ideias ou não, pois a referência e o valor que cada cultura atribui à cada signo da língua é diferente do que é concebido por outra cultura. E é com base nessa forma distinta que cada cultura cria um sentido ao que lhe é exposto, instaurando-se aquilo que Émile Benveniste chama de *semantismo social*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu da busca por um maior entendimento sobre como a *língua* e a *sociedade* se relacionam, na perspectiva da teoria proposta pelo linguista Émile Benveniste. Escolhemos investigar tal relação com base no discurso político, uma vez que somente pela língua um sujeito que faz parte do âmbito político pode se relacionar com seus eleitores ou com a sociedade em geral. Optamos então por analisar, enquanto objetivo geral, a relação *língua e sociedade*, revelada no semantismo social que se marca no discurso, a fim de determinar a maneira como os sujeitos *eu* e *tu* se relacionam, pela perspectiva do discurso político.

A relação língua e sociedade que moveu este estudo, bem como a pesquisa sobre como o semantismo social se revela no discurso político, foi analisada em quatro discursos de Leonel de Moura Brizola, em quatro momentos distintos de sua carreira política. Propomo-nos a desvendar quais formas linguísticas existentes nos discursos de Leonel Brizola justificavam a singularidade de seus pronunciamentos no cenário político nacional a ponto de revelarem o semantismo social constitutivo do seu dizer.

Respondendo ao nosso objetivo principal, constatamos que Brizola utilizava suas palavras sem medo de expor o que pensava, utilizava em seus discursos formas linguísticas que expressavam claramente suas crenças e opiniões, as quais eram usadas como mecanismos produtores de referências e correferências, carregados de simbolismos e de representatividade da cultura na qual Brizola está inserido.

Um dos objetivos específicos que propomos ao idealizar este trabalho foi investigar a maneira como a cultura influencia a relação língua e sociedade, por meio de um estudo enunciativo antropológico. Isso foi possível a partir da busca por uma melhor compreensão do axioma dos estudos benvenistianos *o homem na língua*, que revela o fato de que o homem apropria-se da língua, ou seja, enuncia, marcando-se na língua a partir de suas relações sociais e culturais.

Assim, considerando que a língua reflete a sociedade em suas particularidades, em suas variações e em sua estrutura social, a sociedade começa a reconhecer-se como língua na medida em que esses fenômenos sociais constituem a *cultura*. Portanto, a antropologia da enunciação, em nossa percepção, engloba não apenas a relação indissociável entre homem e linguagem, mas também a relação entre indivíduo e sociedade.

Entendemos, a partir deste estudo, que o fundamento de uma antropologia da enunciação deriva de um movimento que vai do axioma geral para o específico e vice-versa, uma vez que, ao enunciar, o locutor mobiliza formas da língua à sua maneira, marcadas pelo

universo significativo que as circunda na cultura na qual ele se encontra inserido. Tal cultura envolve não somente quem fala, mas também para quem se fala, logo, a intersubjetividade é fator decisivo de tal mobilização.

Como objetivo específico, também nos propomos a pesquisar a relação existente na língua a partir de sua dupla significância: *semiótico* x *semântico*. E foi com base na relação entre os dois modos de significância da língua que foi possível analisar os discursos de Leonel Brizola, uma vez que precisamos reconhecer a forma e o sentido em cada um dos modos, para, então, compreender seus discursos. Portanto, foi necessário, primeiramente, reconhecer a forma no modo semiótico pelo significante de cada signo expresso pelo político para compreender o sentido, pelo significado do signo linguístico, de cada discurso realizado por ele.

Para compreendermos os discursos de Brizola, foi necessário reconhecer e analisar as formas utilizadas por ele não apenas no modo semiótico, mas também no modo semântico, isso é, pelas palavras utilizadas em cada um de seus enunciados. Assim, foi possível constatar a relação de sentido existente entre cada forma linguística para que pudéssemos compreender como se concretiza o semantismo social nos discursos analisados.

A análise aqui realizada teve como princípio fundamental a *relação de interpretância da língua*, uma vez que somente a língua é capaz de interpretar todos os outros sistemas, linguísticos ou não linguísticos. Desse modo, é somente pela relação de interpretância que a sociedade pode existir, pois somente a língua é capaz de decifrá-la. Elegemos para a concretização de cada etapa da análise a noção de *categorização*, ao lado da relação de interpretância, para, assim, compreendermos como a relação língua e sociedade e o semantismo social se revelam no discurso político.

Para compreendermos a vinculação existente entre os sujeitos da enunciação *eu/tu*, buscamos categorizar a relação entre “quem fala e quem ouve” em cada um dos discursos, investigando o papel de cada pessoa citada e a forma como eram citadas. Foi também necessário realizar a “categorização dos eventos”, descrevendo cada momento, época e situação em que se encontrava Leonel Brizola quando proferiu os discursos analisados e discutindo qual era a função de cada uma das formas linguísticas utilizadas por ele nos discursos para se reportar aos acontecimentos que transmitia a seus interlocutores.

Com base nos princípios citados e utilizados em nossa análise, compreendemos que o semantismo social deriva da relação de interpretância, do fato de a língua interpretar todos os sistemas. Neste estudo, nos propomos, ainda, a analisar como a língua se caracteriza como um meio de análise da sociedade, e compreendemos que isso se dá em razão de que somente a língua pode interpretar a sociedade. Isso ocorre em razão de que pode ser feita a análise das

formas linguísticas utilizadas no ato enunciativo por cada sujeito, assim, pela língua, esse sujeito se mostra como membro pertencente a uma determinada sociedade. Portanto, concluímos que pela língua podemos reconhecer em qual sociedade e em qual cultura um sujeito está inserido.

Brizola fazia críticas e sabia atenuar suas palavras ácidas quando era necessário. Ainda, utilizava termos que faziam referência a outros textos, outros episódios da história, enfatizando também sua intelectualidade e conhecimento sobre os mais diversos assuntos. Portanto, o semantismo social revelado no discurso de Leonel Brizola revela-se na forma como ele utilizava as formas da língua para atingir a sociedade a qual ele se dirigia, buscando salientar determinados valores que àquela sociedade eram importantes, para, assim, atingir êxito em seu discurso.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. O léxico no discurso político. In:___ PRETTI, Dino (org). *Léxico na língua oral e na língua escrita*. – São Paulo: Humanitas/FFLCH/UPS, 2003.

BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. In:___ *Problemas de Linguística Geral II*: Tradução de Eduardo Guimarães et al. 2. ed. Campinas, SP: Ponte Editores, 2006. p. 220-242

_____. A linguagem e a experiência humana (1965). In:___ *Problemas de Linguística Geral II*: Tradução de Eduardo Guimarães et al. 2. ed. Campinas, SP: Ponte Editores, 2006. p. 68-80

_____. A natureza dos pronomes (1956). In: ___ *Problemas de Linguística Geral I*: Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas, SP: Ponte Editores, 2005. p. 277-283

_____. Da subjetividade na linguagem (1958). In: ___ *Problemas de Linguística Geral I*: Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas, SP: Ponte Editores, 2005. p. 284-293

_____. Estrutura da língua e estrutura da sociedade (1968) In:___ *Problemas de Linguística Geral II*: Tradução de Eduardo Guimarães et al. 2. ed. Campinas, SP: Ponte Editores, 2006. p. 93-104

_____. Semiologia da língua (1969) In:___ *Problemas de Linguística Geral II*: Tradução de Eduardo Guimarães et al. 2. ed. Campinas, SP: Ponte Editores, 2006. p.43-67

FLORES, Valdir do Nascimento. Introdução à teoria enunciativa de Benveniste. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística (1963). In: ___ *Problemas de Linguística Geral I*: Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. tCampinas, SP: Ponte Editores, 2005. p. 19-33

_____. *Últimas aulas no Collège de France*. (1968 e 1969). Tradução de Daniel Costa da Silva [et al]. -1.ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2014

BRIGAGÃO, Clovis; RIBEIRO, Trajano. *Brizola*. 1. ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2015.

DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste: l'invention du discours*. Paris: Éditions in Press, 2006

DIEDRICH, Marlete S. *Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Orientação: Prof. Dr. Carmem Luci da Costa e Silva. Porto Alegre: 2015

DUFOUR, Dany Robert. Os mistérios da trindade. Rio de Janeiro: Campanhia de Freud, 2000.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2010.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. (orgs). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013a.

_____. *Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação*. In: ____ *Revista D.E.L.T.A.* v. 29 nº 1 - 2013b. p. 95-120

_____. *Linguagem e cultura: uma abordagem com Benveniste*. In: ____ *Revista Veredas Atemática – Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF*. v. 19, nº 2. - Juiz de Fora/MG: 2015. p. 310-330

_____. *O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação*. In: ____ *Revista Letras de Hoje – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*. v. 50, n. esp (. Porto Alegre: 2015. p. 90-95

_____. *Atualidade de Benveniste no Brasil: os aspectos antropológicos de uma teoria da enunciação*. *Desenredo, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v.13, n. 1, jan./jun. 2017

FLORES, Valdir do Nascimento; SEVERO, Renata Trindade. *Linguagem e cultura: uma abordagem com Benveniste*. *Revista Veredas atemática*. Volume 19, nº 2. 2015. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/128801/000975545.pdf?sequence=1>> Acesso em set. 2016

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GOULART, Antônio. *As tiradas do Dr. Brizola: o lado folclórico e carismático de um líder político*. - Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2004

MANESCHY, Osvaldo; OSÉAS, Antonio. *Documento: vida e obra de Leonel de Moura Brizola*. Publicado em 21/6/2004. Disponível em <<http://www.pdt.org.br/index.php/documento-vida-e-obra-de-leonel-de-moura-brizola/>> Acesso em 15 out. 2016

NORMAND, Claudine. *Semiologia, semiótica, semântica: observações sobre o emprego desses termos em Émile Benveniste*. In: ____ FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (orgs). *Convite à linguística*. – São Paulo: Contexto, 2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingística Geral*. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (orgs) – 28ed. – São Paulo: Editora Cultrix, 2012

SILVA, Carmem Luci da Costa. *Criança na linguagem: enunciação e linguagem*. Campinas/SP. Pontes Editores, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa. OLIVEIRA, Giovane Fernandes. *A apropriação de noções culturais pela criança: uma experiência de significação na língua-discurso*. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 52, dezembro de 2016. p. 402-420.

SILVA, Silvana. *O homem na língua: uma visão antropológica da enunciação para o ensino de escrita*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Orientação: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: 2012. 221p.

SOUZA, Alda. SOARES, Floriano. *Leonel Brizola*. Coleção “Esses Gaúchos”. 3.ed. - Porto Alegre: Tchê! Editora, 1985.

TEIXEIRA, Marlene. Um olhar enunciativo sobre o discurso. In: __ DI FANTI, Maria da Glória; BARBISAN, Leci (orgs). *Enunciação e discurso*. – São Paulo: Contexto, 2012a

_____. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 8, n. 1, jan./jun. 2012b.

VAN DIJK, Teun Adrianus. Political discourse and ideology. Paper for *Jornadas del Discurso Político*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2001.

ANEXOS

ANEXO A – Discurso realizado no Dia Mundial da Juventude, em 31 de março de 2004

1	“A vocês jovens do meu país, eu quero transmitir a vocês esta mensagem.
2	Tomem os destinos de vocês nas mãos próprias de vocês. Não confiem nesses
3	políticos, tudo está corrompido, quem vos diz é o Leonel Brizola que não quer nada
4	para ele. Que tem os seus cabelos brancos, este homem que não está em busca de
5	nada para si, porque vocês são o nosso país, o Brasil depende de vocês.
6	Essas gerações de políticos estão perdidas, não esperem nada dessas gerações
7	de política, dessas gerações políticas que estão aí, eles não só porque não querem, na
8	sua maioria, mas mesmo aqueles que querem fazer alguma coisa não tem condições,
9	não tem ambiente, não tem meio, não tem possibilidades. Tomem o vosso destino nas
10	suas próprias mãos, vocês não sabem, jovens do meu país, a força que vocês têm.
11	É dos jovens é que surgem os grandes movimentos transformadores.
12	Raramente vocês encontram um homem encanecido, de cabelos brancos, nessas
13	vanguardas, em geral, as vanguardas transformadoras da humanidade foram sempre
14	constituídas pela energia dos jovens.
15	É de vocês, jovens do meu país, é que o povo brasileiro realmente pode
16	esperar. A vocês eu deixo aqui esta minha mensagem, nós queremos que o futuro seja
17	de vocês, Nós queremos mais, nós queremos que o presente, o próprio presente, já
18	seja de vocês.”

(Fonte: Disponível em

<https://www.facebook.com/fundacaoleonelbrizola/videos/729607553892577/>)

Acesso em 30 mar. 2017)

ANEXO B - Discurso de Leonel Brizola, em direito de resposta constitucional na TV Globo,
em 15 de março de 1994

1	"Todos sabem que eu, Leonel Brizola, só posso ocupar espaço na Globo
2	quando amparado pela Justiça. Aqui cita o meu nome para ser intrigado, desmerecido
3	e achincalhado, perante o povo brasileiro. Quinta-feira, neste mesmo Jornal Nacional,
4	a pretexto de citar editorial de 'O Globo', fui acusado na minha honra e, pior,
5	apontado como alguém de mente senil. Ora, tenho 70 anos, 16 a menos que o meu
6	difamador, Roberto Marinho, que tem 86 anos. Se é esse o conceito que tem sobre os
7	homens de cabelos brancos, que os use para si. Não reconheço à Globo autoridade
8	em matéria de liberdade de imprensa, e basta para isso olhar a sua longa e cordial
9	convivência com os regimes autoritários e com a ditadura de 20 anos, que dominou o
10	nosso país.
11	Todos sabem que critico há muito tempo a TV Globo, seu poder imperial e
12	suas manipulações. Mas a ira da Globo, que se manifestou na quinta-feira, não tem
13	nenhuma relação com posições éticas ou de princípios. É apenas o temor de perder o
14	negócio bilionário, que para ela representa a transmissão do Carnaval. Dinheiro,
15	acima de tudo.
16	Em 83, quando construí a passarela, a Globo sabotou, boicotou, não quis
17	transmitir e tentou inviabilizar de todas as formas o ponto alto do Carnaval carioca.
18	Também aí não tem autoridade moral para questionar. E mais, reagi contra a
19	Globo em defesa do Estado do Rio de Janeiro que por duas vezes, contra a vontade
20	da Globo, elegeu-me como seu representante maior.
21	E isso é que não perdoarão nunca. Até mesmo a pesquisa mostrada na Quinta-
22	feira revela como tudo na Globo é tendencioso e manipulado. Ninguém questiona o
23	direito da Globo mostrar os problemas da cidade. Seria antes um dever para qualquer
24	órgão de imprensa, dever que a Globo jamais cumpriu quando se encontravam no
25	Palácio Guanabara governantes de sua predileção.
26	Quando ela diz que denuncia os maus administradores deveria dizer, sim, que
27	ataca e tenta desmoralizar os homens públicos que não se vergam diante do seu
28	poder.
29	Se eu tivesse as pretensões eleitoreiras, de que tentam me acusar, não estaria
30	aqui lutando contra um gigante como a Rede Globo.

31	Faço-o porque não cheguei aos 70 anos de idade para ser um acomodado.
32	Quando me insulta por nossas relações de cooperação administrativa com o governo
33	federal, a Globo remorde-se de inveja e rancor e só vê nisso bajulação e servilismo.
34	É compreensível: quem sempre viveu de concessões e favores do Poder Público não
35	é capaz de ver nos outros senão os vícios que carrega em si mesmo.
36	Que o povo brasileiro faça o seu julgamento e na sua consciência lúcida e
37	honrada separe os que são dignos e coerentes daqueles que sempre foram servis,
38	gananciosos e interesseiros.
39	Assina, Leonel Brizola”

(Fonte: Disponível em <<http://geaciprianobarata.blogspot.com.br/2015/10/discurso-de-leonel-brizola-em-direito.html>> Acesso em 15 fev. 2017)

ANEXO C – Trecho do livro *O que pensam os presidentiáveis: Brizola*, encontrado no ARH da Universidade de Passo Fundo, a respeito da criação dos CIEPs

1	<i>Renato Viegas</i> (entrevistador): Uma das principais obras do Sr. No Rio de Janeiro, e
2	de uma forma geral o Sr. acabou sendo conhecido em todo o país por causa disso,
3	foram os CIEPs – uma maneira de manter a criança mais tempo na escola e dar toda
4	a assistência para a criança. Eu gostaria que o senhor falasse dessa sua proposta, como
5	é que ela seria encaminhada a nível social, eleito presidente da república.
6	<i>Brizola</i> : As nossas propostas em matéria de assistência e elevação do povo brasileiro
7	se fundamentam sobre a educação. Nós achamos que nós, adultos, já somos árvores
8	tortas. Por mais que se trabalhe com uma boa poda, com escova de aço, nós sempre
9	seremos árvores portadoras daquelas deformações que vêm do ambiente onde nos
10	criamos e das oportunidades que tivemos. Agora, as crianças não. São mudinhas que
11	nós podemos assistir para que se desenvolvam diferentes de nós, incomparavelmente
12	superiores a nós. Então centramos aí na educação, na assistência à criança esse
13	esforço para a elevação do povo brasileiro sobre todos os aspectos, e considerando
14	que esse esforço é um esforço prioritário para o desenvolvimento. Não é só financiar
15	fábricas ou financiar agricultura o desenvolvimento econômico. É preciso financiar o
16	ser humano, a formação do ser humano, dos recursos humanos, que vão atuar em tudo
17	isto. Porque o desenvolvimento é obra humana. Então os investimentos em educação
18	são ligados essencialmente ao desenvolvimento econômico. Não há Brasil
19	desenvolvido sem brasileiro desenvolvido. O desenvolvimento é obra humana –
20	essencialmente quero insistir e reafirmar. No Rio Grande do Sul, como no Rio de
21	Janeiro, esses dois governos exercidos por mim se caracterizam por essa prioridade.
22	No Rio Grande do Sul eu cheguei a fazer 6.300 escolas. Escolarizei todas as crianças.
23	Escolas pequenas, médias, grandes, ensino profissional, segundo grau. Enfim, todo
24	um esforço muito amplo chegando ao ponto a assistência à formação de alguns
25	centros universitários, especialmente no interior. Muito bem. No Rio de Janeiro
26	caracterizando a nossa ação pelos CIEPs. Agora, a nossa visão se resume no seguinte:
27	primeiro nós dividimos em dois grandes campos a criança, na idade pré-escolar,
28	dentre o ventre da mãe, aí começa a assistência à gestante. Talvez até com um trabalho
29	de educação pré-natal, preparando os jovens para casar, para serem pais, para serem

30	mães, enfim, desde o ventre da mãe um acompanhamento médico e uma assistência,
31	uma suplementação alimentar, essencialmente. Sabe por quê? Porque nós nascemos
32	com um computador extraordinariamente especializado na nossa cabeça. Só Deus
33	sabe como é esse computador...

ANEXO D - Discurso publicado nos jornais *O Globo* e *O Dia*, em 30 de setembro de 2001
sobre a política da época

1	“Esta nação precisa, indispensavelmente, de uma limpeza em regra na sua vida
2	política que transformou-se num verdadeiro lodaçal. E, para fazê-la, precisamos
3	identificar onde estão as fontes podres deste ambiente degradante e pérfido que vem
4	caracterizando estes tempos infames. Quem achar que exagero, apenas leia os jornais.
5	Num regime presidencialista como o nosso, a grande responsabilidade, a fonte maior
6	de tudo é o próprio Presidente da República. O exemplo sempre vem de cima. Dali,
7	do alto do poder, que se brota e se estimula o processo de degradação que atinge todos
8	os níveis da vida pública. Com efeito, não tem sido outra a história destes tempos.
9	Durante todo este nefasto período, governar tornou-se fazer negócios. Vender
10	o patrimônio público, entregar nossas riquezas, oferecer despudoradamente as
11	entranhas brasileiras aos negócios internacionais, concessões e benemerências a
12	grupos privados, sem a segurança de que sequer venham a investir aqui. O
13	endividamento incontido tornou-se um garrote sobre nós. Ao mesmo tempo, visando
14	apenas o lucro, dismantela-se e arrebenta-se o Estado, os serviços públicos essenciais
15	e até as Forças Armadas, com as responsabilidades que têm um país como este. Estas
16	foram as marcas deste Presidente e dos que com ele se entregaram ao triste papel de
17	vendilhões do Brasil e algozes do povo brasileiro. E tudo isso por quê? Tudo em troca
18	de permanecer no Governo, a única preocupação de um Presidente que, no fundo,
19	ama apenas o poder e não seu país e o seu povo.
20	Este período de entrega do País, chegou ao máximo agora, mas vem desde
21	Sarney, com aquelas palhaçadas de Cruzado e seus fiscais, dos confiscos de Collor,
22	até o fiasco do Real. Porém, nada o simboliza melhor em Fernando Henrique Cardoso
23	que o gesto infame da reeleição em causa própria. Este é o estigma daquele que traiu
24	a tudo pela sua ambição desmedida. Ele é a marca de uma corrupção moral que
25	contaminou toda a vida política e a administração pública como uma verdadeira
26	praga. Governadores e prefeitos, na sua maioria, repetem em escala menor, os
27	negócios desastrosos, o desprezo pelo povo e o continuísmo vergonhoso que veem
28	ser praticados em Brasília.
29	Por tudo isso, sanear a vida pública deste país é preciso que estas eleições do
30	ano que vem – por toda a parte a começar de cima, da Presidência da República –

31	sejam a oportunidade do povo brasileiro varrer da política brasileira toda esta camada
32	de gente. Eles nada mais têm a nos dar senão infortúnios e degradação em todos os
33	aspectos da vida nacional. E são eles que, com o lodaçal da política, alimentam os
34	que fazem a rapina do Brasil e dos frutos do trabalho do povo brasileiro.”

(Fonte: Disponível em <<http://jspdtrs.blogspot.com.br/2014/05/o-mau-exemplo-vem-de-cima.html>> Acesso em 02 mar. 2017)